



Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Saúde – FACS
Curso: Psicologia

PSICOLOGIA E MEDIUNIDADE

SERGIO OSNA FARIA

BRASÍLIA
JUNHO / 2005

Sergio Osna Faria

Psicologia e Mediunidade

Monografia apresentada como requisito
para conclusão do curso de Psicologia
do UniCeub – Centro Universitário de
Brasília

Professora Orientadora: Virginia Turra.

Brasília/DF, Junho de 2005.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais

Por tudo o que me deram e me propiciaram.
Nada disso jamais aconteceria se não fosse por vocês.
Minha total gratidão e incondicional amor por terem me dado o presente mais
precioso que já recebi:
Minha vida na companhia de vocês.

AGRADECIMENTOS

Só consegui realizar este trabalho porque pessoas muito especiais cruzaram a minha vida. Agradeço a todos por tudo.

Em especial, agradeço:

Aos meus pais, mais uma vez e sempre, pela oportunidade da vida.

À professora Virginia Turra pela paciência, pela força, compreensão e principalmente por acreditar mais em mim e na minha capacidade do que eu mesmo...

À Márcia R. A. Fonseca por ter me levado a níveis que eu jamais sonhei ser possível chegar. Não há palavras suficientes para agradecer absolutamente tudo que você já fez por mim (até mesmo os puxões de orelha!!!)

À professora Miriam May Philippi pela ajuda com idéias, materiais e a presença do Mestre Jorge Ponciano Ribeiro.

À professora Leida Mota pelas dicas, orientação e paciência.

À Ana Lúcia S. C. Palma por ter me mostrado que a psicologia é muito mais, pode ter a minha cara e ser feita do meu jeito.

Aos professores que realmente ensinaram que a psicologia não é uma ciência limitada e que muito ainda há por ser feito.

À Cristiane Moreira Sales pela excelente e paciente revisão.

Aos colegas que de alguma forma colaboraram: Ana Cristina Improise, Giselle Silva, Leonardo Santana, Rosita Fedrigo e Vera Matos.

“Estudar o homem psicologicamente e excluir dele o estudo de seu aspecto espiritual é o mais alienante descompromisso da ciência e / ou da academia para com a verdade humana, para com a totalidade existencial humana, da qual nasce todo e qualquer significado”

Jorge Ponciano Ribeiro

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo gerar reflexões sobre a importância da mediunidade para a psicologia e para a melhor compreensão do homem como um ser complexo e com características transpessoais. Para tal, foram discutidas as diversas formas de transmissão e aquisição de conhecimento, as diferentes possibilidades de construção de teorias científicas. Levantou-se também a interseção entre a mediunidade e a psicologia em cada uma das suas chamadas grandes forças. Buscou-se explicar como cada uma destas forças da psicologia vê a mediunidade e o porque, com fundamentação em cada um de seus embasamentos teóricos – filosóficos. Por fim, verificou-se que a mediunidade já faz parte e é utilizada por várias vertentes da psicologia e que para se ter uma visão abrangente e completa do ser humano seu estudo aprofundado deve acontecer de forma séria e sistematizada.

ABSTRACT: This present work intends to generate reflections on the importance of mediumship for psychology and for the better understanding of man as a complex being and with transpersonal characteristics. In order to do that, different possibilities of constructing scientific theories and knowledge acquisition were discussed. The intersection between mediumship and psychology in each of its forces was also raised. In addition, it tries to explain how each of these psychology forces sees mediumship and why, based on their theoretical and philosophical foundations.

SUMÁRIO

RESUMO.....	05
ABSTRACT.....	06
INTRODUÇÃO	08
PENSAMENTOS CIENTÍFICO E FILOSÓFICO	12
SENSO COMUM.....	12
RELIGIÃO	13
CIÊNCIA	14
<i>Empirismo</i>	15
<i>Positivismo</i>	16
<i>Fenomenologia</i>	17
PSICOLOGIA	19
PRIMÓRDIOS	20
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO	22
FREUD E A PSICANÁLISE: A PSICOLOGIA DO INCONSCIENTE	24
JUNG E A PSICOLOGIA DA TRANSCENDÊNCIA	26
PSICOLOGIA HUMANISTA: A ABORDAGEM DA AUTO - ATUALIZAÇÃO.....	29
PSICOLOGIA TRANSPESSOAL: O HOMEM BIO – PSICO – SOCIAL – CÔSMICO	32
MEDIUNIDADE	36
A MEDIUNIDADE NA HISTÓRIA DE ALGUNS POVOS	37
A BUSCA PELA VERDADE	38
PSICOPATOLOGIA	42
HISTÓRICO.....	43
CONCEITOS DAS ESTRUTURAS DE PERSONALIDADE	45
<i>Neurose</i>	45
<i>Perversão</i>	47
<i>Psicose</i>	48
NORMAL X PATOLÓGICO.....	50
VISÕES DA MEDIUNIDADE.....	53
VISÃO DA RELIGIÃO.....	53
VISÃO DO SENSO COMUM.....	56
VISÃO DA FILOSOFIA E DA CIÊNCIA	57
<i>Empirismo</i>	57
<i>Positivismo</i>	57
<i>Fenomenologia</i>	58
VISÃO DA PSICOLOGIA	58
<i>A Primeira Força: o Behaviorismo</i>	58
<i>A Segunda Força: a Psicanálise</i>	59
<i>A Visão de Jung</i>	60
<i>A Terceira Força: a Psicologia Humanista</i>	62
<i>A Quarta Força: a Psicologia Transpessoal</i>	63
<i>Terapia de Vidas Passadas</i>	64
VISÃO DA PSICOPATOLOGIA	65
CIÊNCIA ESPÍRITA.....	66
CONCLUSÃO.....	70
BIBLIOGRAFIA.....	76

INTRODUÇÃO

A mediunidade é um dom que se manifesta em serem humanos vivos. Qualquer definição que tente se dar a ela será sempre incompleta, uma vez que é algo muito maior e mais complexo para se encaixar em um breve relato. Uma das faces desse dom é a capacidade de comunicação entre seres humanos vivos e seres humanos já falecidos, chamados de desencarnados.

É um fenômeno presente na história da humanidade desde tempos imemoriais. Em cada época e local foi entendida de maneira diferente. Foi vista como algo mágico, místico, como doença, como um dom proveniente de pacto feito com o Diabo¹, como base de religiões, como uma característica inata a todos os seres humanos. Mas depois de certos acontecimentos no curso da história da ciência ocidental, houve uma tentativa de várias áreas da ciência de comprová-la como algo real e plausível dentro do reino da própria ciência, a parte de qualquer conotação mística e religiosa que pudesse ter.

Como pode ser constatada, a origem da psicologia nos remete a fatos que a tornam profundamente ligada à mediunidade e a espiritualidade. Da Grécia antiga surge a psicologia como o estudo da alma, a busca pela origem do homem. No decorrer dos tempos, até para que pudesse se firmar como ciência reconhecida, a psicologia se afastou de sua origem. Mas sempre houve quem lutasse para que a visão de um homem integral não fosse abandonada totalmente pela psicologia em nome de conceitos reducionistas, mesmo que estes trouxessem mais “credibilidade”. A figura pioneira na psicologia e uma das mais importantes nesta luta foi Carl Gustav Jung que, corajosamente, em um tempo em que os homens de ciência deveriam se portar rigorosamente de acordo com as regras impostas para que fossem aceitas, trabalhou com conceitos considerados arrojados e extremamente ousados para a época. E até os dias de hoje é contestado, tamanho o avanço de suas idéias.

¹ Aqui “Diabo” é utilizado como referência ao representante do mal em oposição ao bem, como temática própria da cultura provinda da religião cristã.

Destas idéias, que serviram de semente para o trabalho de vários outros grandes nomes, a psicologia foi evoluindo e aprendendo a lidar com dados que fogem ao observável e palpável. Idéias como inconsciente, livre arbítrio, alma, sonhos, contatos com espíritos e estados alterados de consciência foram sendo incorporados a psicologia a medida que esta evoluía. Hoje chegamos a um ponto em que praticamente nada que diga respeito ao ser humano é excluído. Naturalmente ainda existem aqueles que preferem se manter e trabalhar com conceitos que nos remetem a psicologia como a ciência dos cinco sentidos básicos. Mas não se pode negar que para se entender algo, ainda que em suas partes, devemos ter uma visão e compreensão do todo. Nada jamais deve ser excluído, negligenciado ou negado, seja a que pretexto for.

Desta forma, assume-se neste trabalho, que a mediunidade deve ser estudada como algo que faz parte da natureza humana. Não com um viés religioso, mas como algo que está presente na vida de qualquer indivíduo.

Este trabalho se valerá de um levantamento de um breve histórico das formas de conhecimento e de se fazer ciência mostrando como a psicologia interage e interagiu desde os seus primórdios com a mediunidade. Busca-se desta forma gerar questionamentos e levar a uma reflexão a respeito da importância de não eliminar nada que traga maior conhecimento sobre o ser humano por parte de princípios que remetam a visões limitadas de uma pessoa.

É preciso levar tais temas a debate, com a mente aberta, abrindo mão de preconceitos e conceitos arcaicos que têm muito pouco ou já não têm mais espaço nos dias atuais. É preciso ter a coragem de questionar respostas seculares, cristalizadas de tal forma que pareçam “verdades absolutas”. Essa é uma postura que deve ser assumida por todos aqueles que fazem ciência nos dias de hoje.

Tem-se também a intenção de questionar os diagnósticos com resultados que indicam patologias dados a algumas pessoas que descrevem possuir mediunidade.

Tenta-se mostrar que a psicopatologia, sob o ponto de vista da psicanálise, muito relevante para a saúde do homem, está mais limitada aos casos de grave desajuste do que a qualquer caso relatado de mediunidade.

Este trabalho busca provocar tais reflexões sobre a mediunidade, suas possibilidades e importância dentro da psicologia. Cada vez mais urge a necessidade de se escrever e produzir acerca do tema. Todo e qualquer trabalho, desde que bem embasado, deve ser encorajado, para que mais profissionais tomem ciência e se posicionem diante de tema tão relevante para a compreensão da existência humana. O objetivo deste trabalho é, portanto, causar questionamentos e reflexões em todos aqueles que o lerem.

Fazendo um levantamento de referências bibliográficas com variados posicionamentos sobre a mediunidade, desde os mais a favor até os mais radicalmente contra, tenta-se mostrar a relevância do tema. Quer-se também mostrar a mediunidade como um fato concreto, possível de ser objeto de estudo da Psicologia. Algo a ser ainda vastamente estudado, pela noção de que é parte inseparável da psicologia.

Para se chegar a tais objetivos foram utilizados livros, teses de mestrados, monografias, textos e artigos dos mais variados autores. Foram incluídos aqui autores religiosos, cientistas, filósofos e principalmente aqueles que escrevem com o olhar da psicologia, sejam eles psicólogos ou não.

Foram levantados aspectos do pensamento filosófico e científico, desde a Grécia antiga até os dias de hoje, para que se possa ter uma melhor compreensão da evolução do pensamento humano e das formas de aquisição e transmissão de conhecimento. Senso comum, religião, vertentes filosóficas e métodos de se fazer ciência foram discutidos, de forma que diferentes posições fossem exploradas.

Há uma breve descrição do histórico da psicologia e como cada abordagem surgiu. É discutido o embasamento teórico das chamadas quatro grandes forças da

psicologia: o behaviorismo, a psicanálise, a psicologia humanista e a psicologia transpessoal. Devido a grande importância de Carl Gustav Jung para o presente texto devido ao seu trabalho pioneiro em assuntos ligados a espiritualidade, foi dado também destaque para sua teoria e para as suas idéias que resultaram em um grande impacto no que diz respeito à espiritualidade dentro da psicologia.

Há também um capítulo sobre a psicopatologia, propositadamente separado dos outros, principalmente do que trata da psicologia em específico, uma vez que um dos objetivos deste trabalho é precisamente questionar a explicação da mediunidade como sintoma de alguma patologia ou transtorno mental.

E finalmente, o último capítulo trata da interação da mediunidade com cada um dos tópicos apresentados anteriormente. Nesta parte, é relatada a visão de cada uma destas formas previamente descritas de conhecimento sobre a mediunidade.

PENSAMENTOS CIENTÍFICO E FILOSÓFICO

Existem várias formas de conhecimento e de compreensão do mundo. Por toda a história da humanidade, desde os tempos mais remotos até a atualidade, sempre houve uma busca incansável e incessante para se chegar a respostas definitivas, verdades absolutas e inquestionáveis. Neste caminho, muitas formas de ver e tentar explicar o mundo se misturaram com elaborados sistemas de pensamento para que os fatos descobertos fossem aceitos como definitivos. Mas de uma forma geral isso jamais ocorreu, especialmente naquelas questões que envolvem a origem, o paradeiro e o destino dos seres humanos. Nesta procura vários métodos foram desenvolvidos e alguns se tornaram mais aceitos do que outros e inclusive ganharam um *status* de “versão oficial”. Alguns mais rigorosos e concretos enquanto outros dando mais vazão ao abstrato. Definitivamente, todos desempenharam papéis fundamentais na história do pensamento humano. Neste trabalho veremos brevemente alguns destes métodos para entender melhor a questão proposta e como se chegou a ela.

SENSO COMUM

Uma das formas de ver o mundo e transmitir conhecimentos é a visão do senso comum, aquela em que as explicações são dadas baseadas em idéias correntes no imaginário e no uso popular, no que comumente as pessoas sabem e passam umas as outras, criando-se uma certa forma de tradição. Para Fontes (2005) é o nível mais elementar do conhecimento, que se baseia em observações ingênuas da realidade e está comumente relacionado a soluções de problemas práticos do dia-a-dia. O senso comum é também o hábito, aquilo em que se acredita porque se faz repetidamente, mesmo que não se saiba o real motivo e uma eventual explicação para aquilo. É a forma mais básica e acessível de conhecimento, pois se baseia freqüentemente em observações que não seguem parâmetros para serem definidas. Está mais focado nas

aparências dos eventos do que nas causas efetivas. Ainda que muito do que prega o senso comum tenha alguma lógica e possa inclusive ser provado através de pesquisas e experimentos, de um modo geral é a visão menos respeitada pelos estudiosos e acadêmicos.

RELIGIÃO

Outra forma de conhecimento é a visão religiosa. Para Ferreira (1999) religião é a “crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, considerada(s) como criadora(s) do Universo, e que como tal deve(m) ser adorada(s) e obedecida(s); manifestação de tal crença por meio de doutrina e ritual próprios, que envolvem em geral preceitos éticos” (p. 1937).

Cada religião possui suas próprias regras e tradições. Com muita certeza, vários pontos de conhecimento transmitidos pelas religiões têm explicações bem claras se forem buscadas em suas raízes históricas. O fato é que normalmente, religiões envolvem questões de fé, que são um caso a parte e não podem ser mensuradas e qualificadas pelas regras que se aplicam a outras áreas. Mas de qualquer forma, é um meio poderoso de transmissão de conhecimentos. Em vários momentos da história do homem, tentou-se aliar os conhecimentos advindos da religião às formas mais embasadas e concretas do saber, mas há intransigência; tanto de estudiosos que acreditam que as questões que envolvem religião não podem ser avaliadas de outra forma, que não a própria fé religiosa, quanto de pessoas da religião que preferem, pelos mais variados motivos, não colocar suas crenças à prova de estudos que poderiam eventualmente desmistificar certos eventos e com isso abalar a fé de fiéis.

Não são muitos os que conseguem fazer esta união, separando o que é puramente religioso do que é científico. Para Solomon (2004), o caminho é fazer uma distinção entre religião e espiritualidade, porque um não é necessariamente o outro e

enquanto a religião é uma instituição social, e não espiritual que possui posicionamentos anticientíficos, a espiritualidade anda de mãos dadas com a ciência. Desta forma, para o autor, fica mais fácil diferenciar que eventos pertencem a religião e quais são ligados a espiritualidade e desta forma, possivelmente aceitos pela ciência.

CIÊNCIA

A forma que mais interessa a este trabalho é a visão científica. No senso comum as informações são passadas sem nenhum embasamento de estudos e pesquisas e comprovações. Para a religião o que mais vale são os preceitos e dogmas de cada crença, transmitidos de forma não questionada e em alguns casos até mesmo impostos. No método científico, por sua vez, têm-se pessoas especializadas em várias áreas estudando e buscando formas de conhecimento baseadas em dados e fatos concretos, ainda que nem sempre visíveis e palpáveis. Como afirma Lungarzo (1997, p. 11): “o cientista tenta encontrar explicações que sejam mais profundas, que estejam baseadas em conhecimentos mais exatos, mais precisos”.

Na história da humanidade sempre foram buscadas respostas que pudessem ser vistas como verdades plenas e absolutas baseadas em sistemas que fossem infalíveis. No decorrer dos séculos, desde a Grécia antiga, e talvez ainda antes, até os dias de hoje, várias foram as idéias de como isto poderia ser feito. Há muito tempo já ficou claro que a ciência se porta, ou ao menos tenta se portar, de maneira diferente de outras formas de busca pela verdade absoluta. Mas não há e nunca houve um consenso, como acontece também em todas as outras formas de conhecimento, seja o senso comum, a religião ou a filosofia. A cada teoria, cada método, cada verdade encontrada sempre havia alguém com um pensamento diferente e muitas vezes contrário. E com esta interminável contestação, questionamentos e um sábio duvidar, o conhecimento humano foi se construindo.

Como afirma Khun (2003) em seu livro “A estrutura das revoluções científicas”, todos os dados levantados que pareçam pertinentes ao desenvolvimento de uma ciência pode ser relevante e cada teoria, para ser aceita como um paradigma, tem que ao menos parecer melhor e mais eficiente do que outras, ainda que não precise dar respostas e explicar todos os fatos com os quais seja confrontada.

Na história da ciência, pessoas de diferentes áreas foram criando estruturas e métodos para que as descobertas gozassem de credibilidade, sempre se tentando superar uma versão anterior e chegar mais longe. Começou-se então a exigir que o conhecimento, para ser considerado científico, e portanto crível e universal, fosse validado por experimentos e por deduções lógicas.

EMPIRISMO

Uma das primeiras formas amplamente aceita, e de interesse a este trabalho, é a ciência empírica, que obtém conhecimento através dos sentidos empíricos, que são os cinco conhecidos sentidos humanos: visão, audição, tato, paladar e olfato. De acordo com John Locke, um dos criadores e mais importantes pensadores desta vertente “nada vem à mente sem ter passado pelos sentidos”. A origem do nome desta forma filosófica de se adquirir conhecimento vem de tempos antigos. De acordo com a Mestra em filosofia Cristina Oliveira (2005) o termo *empirismo* se originou da palavra grega *empeiria*, que significa experiência sensorial. Foi durante muito tempo amplamente aceita, justamente por limitar-se ao que podia ser percebido diretamente pelo homem e desta forma ser mais facilmente comprovado. Mais importante do que se pensava e se teorizava era o que se podia ver, tocar e sentir a um nível físico.

POSITIVISMO

Uma outra vertente surgida posteriormente ao empirismo foi o positivismo. Não bastava apenas perceber o objeto do conhecimento mas, a partir desta percepção, desenvolver formas de testar e confirmar. De acordo com Lungarzo (1997) após a obtenção do conhecimento, através de um ou mais sentidos, ainda era necessário que o estudioso desenvolvesse este conhecimento numa expressão científica, com o uso da matemática e da lógica, e assim verificar se tal expressão é verdadeira ou falsa por meio de testes e experimentos. Afirma ainda o autor que se estes testes não pudessem ser realizados com a expressão científica em si, dever-se-ia então realizá-los com as conseqüências desta expressão. A partir deste ponto então, como explica Ribeiro (1996), os porquês e a essência das coisas foram postos de lado por serem considerados inacessíveis, buscando-se então regras que comprovassem relações constantes entre os fenômenos. Para o autor, buscava-se substituir o método *a priori* pelo método *a posteriori*, observando-se o mecanismo do mundo em todos os lugares ao invés de inventá-lo. Embora num primeiro momento todo e qualquer tipo de conhecimento pudesse ser verificado por este método, sua extrema rigidez lhe deu força no que poderia validar, mas eventualmente o enfraqueceu em todos aqueles pontos que estão além dos cinco sentidos e da forma como a lógica dos testes exclui a exceção e o diferente. Mesmo sendo uma forma muito limitada de ver o mundo, por reduzir o conhecimento à metodologia e à sistematização das ciências, o positivismo é uma das formas mais aceitas pelos meios científico e acadêmico por aceitar tão somente fatos e dados concretos.

Chibeni (1988) faz uma síntese das críticas destas formas de se fazer ciência em seu artigo intitulado “A excelência metodológica do espiritismo”. Neste artigo, afirma que acreditavam que a Ciência deveria ser constituída de uma catalogação neutra de um número grande de fatos e dados comprovados, os quais então resultariam espontaneamente, de maneira certa e infalível, nas leis gerais que a regem. Uma teoria científica seria então, para o autor, a reunião de tais leis.

Segue ainda o autor a explicar o porquê desta forma de fazer ciência não ser totalmente aceita e portanto, passível de contestação por parte de outras formas:

Percebeu-se que a descrição, busca e classificação dos fatos necessariamente envolve pressuposições teóricas de um tipo ou de outro; que nenhuma lei teórica pode resultar lógica e infalivelmente de um conjunto de fatos, qualquer que ele seja; que uma teoria científica não é um simples amontoado de leis, sendo, antes, uma estrutura dinâmica complexa, na qual participam elementos de diversas naturezas, como resultados observacionais, hipóteses livremente concebidas, regras para o desenvolvimento futuro da teoria, decisões metodológicas, fragmentos de outras teorias, etc. (p. 329)

E justamente com este raciocínio é que, no decorrer do tempo, outras formas de fazer ciência, de buscar respostas e de se formular perguntas a serem respondidas por estudiosos foram surgindo.

FENOMENOLOGIA

Uma destas formas de construção do conhecimento foi a fenomenologia, que já tinha seus contornos traçados na antiguidade, mas foi fundada oficialmente por Edmund Husserl no século XIX, e que, diferentemente das duas primeiras citadas, buscava a essência do fenômeno. De acordo com esta vertente filosófica os fenômenos deveriam ser atentamente observados e descritos para que se pensasse em suas causas, utilizando-se da lógica para se chegar à razão original, ou seja, evidências contrárias ao positivismo que buscava explicações do que era *a posteriori*, e que portanto havia sim uma essência *a priori* e que esta poderia ser descoberta. “Sua preocupação básica não é com a análise dos termos, mas com a descrição, a mais completa possível, dos fenômenos. Só assim, segundo Husserl, poderemos alcançar, com evidência e certeza, a própria essência das coisas, sua estrutura lógica necessária” (Ribeiro Jr., 2003, p. 3). Como afirma Bello (2004) a fenomenologia trata a percepção do indivíduo como algo que este já possui e portanto transcende o objeto

físico percebido. Aí, começa a ser fundamental o questionamento da subjetividade do ser humano, pois é a vivência de cada um que vai influenciar e ser realmente importante para a obtenção do conhecimento. Esta forma filosófica e científica foi uma das maiores e mais importantes influências para as chamadas ciências humanas, entre elas a psicologia.

PSICOLOGIA

Da filosofia e da busca de tornar o conhecimento humano organizado, com respaldo e reconhecimento acadêmico, surgiram a ciência e seus métodos, e a partir daí surgiram várias vertentes como a física, química, economia, política e a psicologia.

A psicologia é definida por vários autores como o estudo do comportamento humano e seus processos mentais. Ao se pesquisar sua história veremos que é de fato isso, mas indubitavelmente vai muito mais além, pois psicologia é sem dúvida uma das mais vastas e variadas vertentes da ciência. Sua abrangência é tão vasta, sua aplicação e escopo teórico tão abrangentes que hoje temos estudos em muitas áreas, entre elas a clínica, hospitalar, escolar, esportiva e jurídica entre outras, com embasamento na filosofia e / ou na fisiologia e também a influência das mais variadas vertentes filosóficas como o associacionismo, existencialismo e fenomenologia, só para mencionar algumas. Estas influências deram origem a várias abordagens, que muitas vezes possuem pontos completamente opostos, mas sempre com o mesmo objetivo: a compreensão do ser humano e como utilizar este entendimento para a melhor adaptação e a evolução de pessoas, tanto como indivíduos quanto membros de grupos.

Vários autores têm definições mais ou menos parecidas: para Campos (1978) o objetivo básico de uma psicologia considerada científica é o estudo do comportamento humano. Mas esta pode ser uma forma reducionista de ver as coisas, já que alguns pensadores no decorrer da história sempre buscaram ir além, muito embora, voltando ao início de tudo na Grécia Antiga, deparasse com a origem do nome desta ciência, psicologia, que no grego então significa “o estudo da alma”. Com isto pode se compreender um pouco mais a postura de vários estudiosos de não aceitar somente o comportamento expresso e quererem respostas que vão muito mais adiante.

“A história da psicologia é a história das pessoas buscando juntas um melhor entendimento de si mesmas” (Weiton, 2002, pp. 04). De acordo com este autor, a

psicologia surge como uma forma de responder a interrogações acerca do funcionamento do próprio ser humano. Com o passar do tempo, estas interrogações foram evoluindo e se tornando cada vez mais elaboradas e tendo seu foco, seus métodos e embasamentos modificados.

PRIMÓRDIOS

A psicologia surge na Grécia antiga como a busca de respostas para a questão da alma. E, logo no início, Platão (2005), em seu livro “Fédon”, afirmava que o homem era constituído de um corpo físico e de uma alma, onde fica a essência, a personalidade, por assim dizer, do indivíduo. Daí, como já dito anteriormente, o nome desta ciência, pois do grego *psique* significa “alma” enquanto *logia* significa “estudo de”. Mas com o passar dos tempos, as leis e regras da ciência não fizeram exceção à psicologia, que também teve que se enquadrar a formas mais concretas para ganhar a credibilidade necessária e se estabelecer como um estudo respeitável no meio acadêmico.

Na busca pelas respostas desta área, muitos pensadores desenvolveram suas teorias sobre a visão de homem: como este se comporta, o que o motiva, quais as lógicas de seu funcionamento mental e as causalidades desconhecidas disso tudo.

Existem dois nomes que segundo Freire (2002) disputam a paternidade da psicologia, ambos alemães e contemporâneos. O primeiro é Gustav Theodor Fechner, físico e filósofo. Era também considerado místico, por ser a favor do espiritualismo, por demonstrar preocupação com Deus e com a alma humana e ter lutado contra o materialismo. Em 1860, publicou “Elementos de Psicofísica”. Seu trabalho focava principalmente a relação corpo x mente e físico x psíquico. Para ele os conceitos de mente e corpo eram dois lados da mesma moeda, partes de um mesmo todo, e tentou demonstrar que esses dois conceitos estavam ligados em uma relação quantitativa,

chegando inclusive a ser considerada matemática. Fechner se utilizou de métodos das ciências exatas para desenvolver suas pesquisas, tentando comprovar que sensações só poderiam ser verificadas através do controle para mais ou menos de estímulos, que por sua vez modificariam, para mais ou para menos, estas conseqüências (sensações). Esta foi uma grande colaboração, no que se concerne à metodologia, pois estas idéias ainda são utilizadas até hoje como instrumentos de pesquisa psicológica. Por isso, ele pode ser também considerado o precursor da psicometria.

O segundo nome a disputar o papel de “pai” da psicologia é Wilhelm Wundt, considerado o fundador desta considerada nova ciência pela maioria e sem dúvida um dos importantes personagens na história da psicologia. Em 1864, publicou “Elementos da Psicologia Fisiológica” e em 1879 criou o primeiro laboratório de psicologia, em Leipzig na Alemanha. Tinha como objetivo o estudo da consciência e foi influenciado pelas técnicas fisiológicas e por preceitos filosóficos que imperavam à época, entre eles o empirismo.

Para obter suas respostas, Wundt se utilizava de uma técnica chamada percepção interior, que nada mais era do que a introspecção, ou seja, o exame do próprio estado mental. Desta forma, era de interesse desta pesquisa o que os sujeitos participantes relatavam. Se diziam que sentiam algum estímulo desta ou daquela forma, isso era considerado dado válido para Wundt, desde que os estímulos sentidos pelo sujeito da pesquisa fossem devidamente controlados. E, para garantir a validade de seus resultados, criou regras rígidas para serem utilizadas em seu laboratório: o observador deveria ser capaz de apontar o momento em que o experimento poderia ser iniciado e estar concentrado; ter sua atenção totalmente voltada para o experimento e este deveria necessariamente poder ser repetido várias vezes e os estímulos envolvidos no experimento deveriam poder ser manipulados e variados de acordo com interesse dos pesquisadores (Schultz & Schultz, 1992).

Wundt e suas pesquisas e métodos deram origem à forma organizada de se fazer psicologia como ciência e influenciaram um de seus colaboradores: Edward

Bradford Titchener que, a partir dos experimentos em Leipzig, mudou-se para os Estados Unidos e desenvolveu uma abordagem chamada de estruturalismo, que assim como Wundt, teve fundamental e indiscutível importância para a psicologia, mas suas idéias e métodos foram abandonados com o passar do tempo. A principal crítica feita a esta forma de se fazer psicologia pode ser definida da seguinte forma:

A mente pode observar todos os fenômenos exceto os seus próprios... O órgão observador e o órgão observado são idênticos, e a sua ação não pode ser pura e natural. Para observar, o nosso intelecto deve fazer uma pausa em sua atividade; contudo, o que se quer observar é precisamente essa atividade. Se não se puder fazer essa pausa, não se pode observar; caso se consiga fazê-la, nada há a observar. Os resultados desses métodos são proporcionais ao seu caráter absurdo (Comte, 1978).

Baseando-se nas palavras de Comte, pode ser verificado então, que esta visão estava essencialmente limitando-se ao homem em si e tentando dar uma lógica e freqüência para os comportamentos e atitudes chamadas de processos mentais.

Mais algumas pesquisas foram desenvolvidas por outros cientistas de várias áreas, incluindo William James, Charles Darwin, Francis Galton e John Dewey, que chegaram a conclusões diferentes daquelas encontradas por Wundt e Titchener, quase todas importantes para o desenvolvimento da psicologia, mas que, com quase nenhuma exceção, foram deixadas de lado a medida em que novas pesquisas e estudos eram desenvolvidos e novas respostas encontradas eram mais aceitas.

PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO

Até que em 1913 um novo movimento surge em oposição às outras abordagens existentes. Tendo como principal nome o psicólogo John Watson, este movimento tinha o objetivo de acabar com qualquer subjetividade, como o método da introspecção de Wundt, para que a psicologia fosse uma ciência objetiva. Desta forma, tudo o que não podia ser efetivamente tocado, cheirado, sentido, provado ou movido, como a idéia de

mente, também de Wundt, entre outros, deveria ser excluído por não produzir dados confiáveis.

Também muito relevante para esta perspectiva é a noção do que podia ser contado e medido. Deste modo queria-se uma ciência exata, algo que podia ser mensurado e calculado em números e frequências podia ser estudado. Já eventos como sonhos eram excluídos porque não podiam ser contabilizados de forma estatística e, portanto não eram considerados comportamentos. E tudo aquilo que não era considerado comportamento não deveria fazer parte desta ciência exata sendo sumariamente deixado de lado. Assim, esta nova abordagem da psicologia focou o comportamento humano, que pode ser observado, contado e mensurado. Esta nova visão foi chamada de ciência do comportamento, ou ainda psicologia comportamental ou, do original em inglês, behaviorismo (Schultz & Schultz, 1992).

O posicionamento de Comte, que serviu como crítica a abordagens anteriores, serviu também como um dos pontos de apoio ao movimento, pois “segundo Comte, o único conhecimento válido é o que tem natureza social e é objetivamente observável” (Schultz & Schultz, 1992, pp. 211).

O objetivo de Watson era estudar as respostas causadas por determinados estímulos nos indivíduos e também, conhecer e prever os estímulos quando se tinha a resposta primeiro (Marx & Hillix, 1974, pp. 231).

Alguns outros nomes aparecem como forte influência no desenvolvimento do behaviorismo e suas vertentes, uma vez que, dentro desta mesma escola, existem alguns mais radicais ou metodológicos e outros que, mais moderados, aceitaram certos conceitos além daqueles meramente estatísticos, acatados pelos mais radicais. Entre esses mais moderados estão Burrhus F. Skinner e Albert Bandura.

Esta abordagem vê o homem como um organismo que responde a estímulos do meio ambiente, e essa interação molda as características do indivíduo.

Se por um lado esta visão de homem dá mais cientificidade à psicologia, tornando-a mais palpável e mensurável e dentro deste limite mais confiável, muitas são as críticas contra ela. Uma delas é a de que esta visão é extremamente reducionista, já que não leva em consideração fatos que existem na natureza humana mas não podem ser efetivamente contados e sentidos fisicamente. Outra crítica vem de psicólogos de abordagens mais recentes, e falam justamente desta forma de modelagem de personalidade que igualaria o homem a robôs e marionetes manipuladas, moldadas e controladas pelo meio em que vivem (Guimarães, 1998).

Muito se pesquisou e vários conceitos foram modificados, adaptados e aprimorados, mas esta abordagem, com suas várias vertentes, resiste até hoje, sendo forte ainda em várias partes do mundo e é chamada de primeira força da psicologia.

FREUD E A PSICANÁLISE: A PSICOLOGIA DO INCONSCIENTE

A abordagem chamada de segunda força da psicologia é a psicanálise. Foi fundada pelo austríaco Sigmund Freud. A data considerada como de sua fundação é o ano de 1895, quando Freud publicou, juntamente com o médico Joseph Breuer, o livro “Estudos sobre a histeria”. A psicanálise surge como uma busca pela cura de certas patologias mentais, chamadas de psicopatologias, em especial a histeria. De início, utilizou-se da hipnose, mas acabou por abandonar este método por ser baseado na sugestão. Passou então a desenvolver um método baseado em conversas, que com o passar do tempo permitiria a catarse, ou seja, o reviver de certas lembranças ruins, também chamadas de traumas. Este método evoluiu até a livre associação, onde o cliente fala sobre o que tiver vontade e o psicanalista faz interpretações do material que surge através desta fala. Estes pontos, que o psicanalista busca, provêm do inconsciente de cliente. O conceito de inconsciente, como processo mental percebido, remonta a Platão, e vários pensadores, inclusive Descartes, que chegaram a escrever sobre o tema (Schultz & Schultz, 1992).

Mas foi com Freud que esta idéia realmente ganhou força. Para Freud, inconsciente é tudo aquilo que está em nossa mente de maneira não claramente expressa, ou seja, está guardado. Alguns destes conteúdos podem ser trazidos com rapidez e sem nenhum esforço para o consciente, já outros seriam mais difíceis de virem à tona, principalmente aqueles ligados a sofrimentos e tristezas, medos e angústias. Isto se daria motivado por um outro processo descrito por Freud, os mecanismos de defesa, que manteriam estas lembranças desagradáveis no inconsciente. O esforço para manter estas lembranças fora do consciente e a força que estas fazem para sair seriam as bases de algumas psicopatologias.

Este conceito foi, dentre muitos, uma das maiores colaborações de Freud para a psicologia e muitas abordagens que surgiram depois da psicanálise também se utilizam do conceito de inconsciente. Freud, com sua teoria, devolveu ao homem a alma, dando-lhe o inconsciente e uma teoria na qual o indivíduo não é apenas resposta a estímulos e possui, ao contrário, um poder maior de influência em sua própria existência.

Freud também desenvolveu outros aspectos importantes na sua teoria, como por exemplo, a importância da sexualidade, da família durante a infância para a formação da personalidade do indivíduo e a teoria do aparelho psíquico ou teoria tripartite: id, ego e superego (também traduzidos como isso, eu e superego).

Sem dúvida nenhuma, a psicanálise é uma das vertentes psicológicas mais complexas, se não a mais de todas. Seu corpo teórico é vastíssimo e até hoje, em várias partes do mundo, é uma das abordagens mais estudadas, discutidas e, apesar de toda a polêmica que ainda causa, aplicada em diversas áreas e circunstâncias. É a mais próxima da medicina, sendo uma das bases da psiquiatria.

Vocábulos que surgiram aqui, com propósito e uso bem específico, acabaram caindo em domínio público com os mais variados significados. Entre estes termos muito utilizados pelas pessoas em geral estão ego, depressão, inconsciente e neurose.

Na mesma proporção de sua importância e colaboração, aconteceram as críticas. Estas vieram de todos os lados, inclusive de pessoas de fora da psicologia. A primeira delas foi justamente a forma como coletava seus dados, uma vez que se baseava no que seus clientes falavam e portanto não havia uma mensuração considerada científica, ou seja, comprovação empírica. Também há críticas em relação ao desenvolvimento de suas teorias, já que muitos afirmavam que Freud não era claro, e pior, muitas vezes se contradizia. Outra, que surgiu principalmente em tempos mais recentes, é a forma como Freud via as mulheres como seres em eterno sofrimento por uma inveja nata do homem.

Por não ser um dos objetivos deste trabalho o autor não se aprofundará nas críticas feitas à teoria psicanalítica, uma vez que o próprio Freud em suas “Conferências Introdutórias” afirmou se sentir livre para mudar de opinião. Quando modificava alguma postura, Freud era chamado de volúvel e quando permanecia com os mesmos conceitos era taxado de teimoso.

Freud trabalhou com vários outros grandes nomes, alguns considerados discípulos, outros dissidentes e outros ainda descendentes. Entre os que se destacaram estão sua filha Anna Freud, Melanie Klein, Alfred Adler, Erik Erikson e Carl Gustav Jung. Este último, de grande importância e relevância para este trabalho por suas teorias inovadoras e por ter lidado com certos assuntos ligados a espiritualidade e ao conhecimento religioso de maneira aberta e sem preconceitos. Muitos afirmariam inclusive que de maneira corajosa.

JUNG E A PSICOLOGIA DA TRANSCENDÊNCIA

Carl Gustav Jung chegou a ser definido por Freud como “um filho adotivo e herdeiro aparente do movimento psicanalítico, meu sucessor e príncipe herdeiro” (Schultz & Schultz, 1992) e, de todos os que têm seu nome associado ao de Freud, foi

um dos poucos a já ter desenvolvido uma série de trabalhos reconhecidos antes de trabalhar com o criador da psicanálise.

Depois de algumas desavenças com Freud, em 1914, Jung dá início a uma nova forma de compreender a mente e o homem e esse viés foi chamado de psicologia analítica.

De acordo com Freire (2002) um dos principais pontos de divergência foi a origem da energia motivadora do comportamento, que para Freud era sexual enquanto para Jung o aspecto sexual tinha menos importância, e esta energia poderia ser direcionada a qualquer área.

Jung focava mais o presente e o futuro, enquanto Freud valorizava mais o passado. Na teoria psicanalítica a personalidade é moldada por eventos na infância e portanto as características de uma pessoa, por toda a sua vida, provêm desta fase. Já para Jung, a infância representa um papel importante no desenvolvimento, mas as expectativas futuras também ajudam a modelar a personalidade do indivíduo. Isto poderia ser visto, em Freud, como uma busca pela causa, enquanto em Jung a busca é pela finalidade.

Outra grande diferença está na relação como conceito de inconsciente. Jung deu muito mais importância que Freud e acabou por desenvolver a teoria de que a psique, termo do qual se utilizava para se referir a mente humana, era constituída de três partes. A primeira era a consciência, que seria onde se encontram as lembranças, as percepções, os conceitos que temos e fazemos de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. A segunda parte seria o inconsciente pessoal, que ficaria logo abaixo da psique, e nesta parte se encontrariam todos os desejos, impulsos, lembranças vagas e outras experiências que o indivíduo teve durante sua vida e que foram esquecidas ou negadas. Este material, segundo Jung, poderia ser trazido com facilidade à consciência. A terceira parte, chamada de inconsciente coletivo, seria a parte mais profunda da psique. Nesta parte estariam todas as experiências de todos os seres, de

todos os tempos passados, inclusive, segundo alguns autores, os nossos ancestrais hominídeos, ou mesmo animais. Estas experiências gerariam tendências de comportamento, vivências e conceitos em muitas pessoas instintivamente, e foram chamadas por Jung de arquétipos. Estes poderiam explicar o comportamento repetido de inúmeros indivíduos em semelhantes circunstâncias, mas em situações e épocas diferentes. Também explicariam as fantasias individuais e as coletivas, como os mitos e lendas.

Segundo Byington, em seu artigo *Transcendência e Totalidade* (2005), dois foram os eventos na vida de Jung que o ajudaram a se tornar um dos maiores nomes da psicologia em todos os tempos. O primeiro foi o encontro e o trabalho desenvolvido com Freud e o segundo, os estudos dos chamados fenômenos ocultos. Ainda assim, o autor faz uma ressalva ao considerar que a transcendência seria a chave para avaliar a genialidade de Jung, mas ao mesmo tempo, seria também o veneno para reduzir e limitar sua obra ao esoterismo. Se por um lado religiosos e positivistas desqualificam o trabalho de Jung, é inegável sua contribuição para a humanidade; seja pela criação do conceito de arquétipo, seja pelo trabalho desenvolvido corajosamente com as religiões.

O interesse de Jung pelos chamados fenômenos ocultos, que de acordo com vários autores se deu por alguns incidentes inexplicáveis com sua família, principalmente durante sua infância, abriu as portas da psicologia para os fenômenos paranormais e para questões que muitos acreditam pertencer ao reino da religião, mas que Jung e alguns outros estudiosos, que vieram posteriormente, acreditavam ter suas explicações na mente humana e em fatores ligados a uma dimensão diferente da nossa, e mesmo não descartando a possibilidade de que eram incidentes psicopatológicos, nunca deixaram de acreditar e nem de buscar explicações no divino, no sobrenatural, se embasando em pesquisas e observações.

E mesmo que isso trouxesse descrença de parte da comunidade científica, dentro e fora da psicologia, Jung sempre enfrentou seus detratores. E mesmo tendo seu nome e a sua teoria ligados a uma visão pejorativamente mística, a psicologia

analítica é ainda hoje uma das mais fortes correntes e qualquer trabalho em psicologia que envolva noções que passem por qualquer religião ou conceito religioso, ou ainda pesquisas científicas que busquem conhecimento na área da religião, mesmo que para fazer uma separação entre religião e ciência, como este presente trabalho, acabam tendo como fonte e embasamento suas teorias.

PSICOLOGIA HUMANISTA: A ABORDAGEM DA AUTO - ATUALIZAÇÃO

O próximo grande movimento da psicologia, cronologicamente falando, foi chamado de terceira força e se refere a psicologia humanista. Várias são as vertentes e os grandes nomes ligados a esta visão de homem e de mundo. Todas possuem conceitos semelhantes e embasamento em teorias científicas e filosóficas muito próximas.

Este movimento surgiu nos Estados Unidos nos anos 60 como uma oposição às duas forças já existentes: o behaviorismo e a psicanálise. Seria na verdade uma resposta às limitações impostas por estas duas abordagens: o behaviorismo tende a não aceitar a existência da consciência, a introspecção e a dificuldade em lidar com a idéia de psique de uma maneira que não seja através da observação do comportamento, enquanto a psicanálise se concentra mais no que é patológico.

De acordo com Schultz & Schultz (1992) aqueles que buscavam uma nova visão; uma nova forma de estudar a psicologia, se opunham à forma reducionista e mecanicista e que nem todas as experiências conscientes poderiam ser reduzidas à forma elementar ou ser explicadas como “estímulo-resposta”, ainda outros não aceitavam a idéia da personalidade ser determinada pela biologia, por acontecimentos do passado e por forças inconscientes. Ao contrário disso, a psicologia humanista nasceu com os seguintes aspectos principais: a ênfase na experiência consciente, a crença da integralidade da natureza e da conduta do ser humano, o livre arbítrio, a

espontaneidade, o poder de criação do indivíduo e o estudo de tudo o que fosse relevante para a condição humana.

Ainda de acordo com os autores acima citados, surge assim, desta inconformidade com os conceitos em vigência, a psicologia humanista. O norte americano Abraham Maslow é considerado o pai espiritual desta vertente e muito lutou para que esta tivesse aceitação e respeitabilidade acadêmica. Assim como ocorreu nas outras duas forças da psicologia, os principais conceitos desta abordagem já existiam.

Maslow concentrou seus estudos em pessoas saudáveis e, a partir destes estudos, desenvolveu a teoria de que os seres humanos têm de forma inata uma motivação para crescer, para se desenvolver e se realizar de tal forma a atingir uma plenitude em suas capacidades e potencialidades. Esta tendência a buscar sempre melhorar potenciais e qualidades foi chamada por Maslow de auto-realizadora.

É também de sua autoria a idéia de uma hierarquia de necessidades que motivam o indivíduo. Frequentemente chamada de pirâmide de Maslow, esta é também conhecida como a hierarquia de necessidades básicas de Maslow. Na base da pirâmide, as necessidades fisiológicas, como por exemplo, sono, fome, sexo, abrigo e outras necessidades corporais; logo acima estão as necessidades de segurança que são, por exemplo, a estabilidade, a condição financeira, a ordem e a segurança e proteção contra mal físico ou emocional; um pouco mais acima está a categoria das necessidades sociais, que incluem afeto, aceitação, amizade e o relacionar-se com outros indivíduos; acima desta está a categoria das necessidades de estima, que são fatores internos de estima como o amor próprio, a autonomia e a realização e fatores externos como o status, o reconhecimento e a atenção, e na última categoria, no topo da pirâmide, estão as necessidades de auto-realização, que incluem o impulso de alguém se tornar o que é capaz de tornar-se, atingindo seu potencial, o crescimento e a auto-realização.

Com conceitos muito próximos aos de Maslow, Carl Ransom Rogers desenvolveu uma teoria semelhante, mas com um ponto de partida distinto. Rogers criou sua *terapia centrada no cliente*, a partir de estudos de pessoas que não eram mentalmente saudáveis. E a força que faz com que o indivíduo sempre busque aperfeiçoamento, sempre se mova em direção ao que é melhor para si foi chamada por ele de *tendência a auto-atualização*. Rogers acreditava que “as pessoas usam sua experiência para se definir” (Fadiman & Frager, 1986, pp. 226) ou seja, ninguém conhece melhor e pode dar uma definição melhor a respeito de um indivíduo do que o próprio indivíduo em questão.

Utilizando-se da fenomenologia, busca-se então conhecer o que um determinado evento significa para a pessoa que o viveu e o relata, sem tentar enquadrar em nenhuma categoria prévia, sem nenhum conceito já existente de quem ouve o relato. Desta forma o que ocorre tem a validade e a importância de quem vivenciou, por mais que outros tenham um relato e uma compreensão diferentes. A cada indivíduo é atribuída a sua própria valoração e importância em relação aos acontecimentos.

Outra abordagem que tem princípios similares às duas anteriormente descritas, entre eles o existencialismo e a fenomenologia, é a Gestalt Terapia.

Esta abordagem surge em 1946, quando seu fundador, o alemão Frederick S. Pearls, se muda para os Estados Unidos e rompe com a psicanálise freudiana, com a qual vinha trabalhando há muitos anos. Insatisfeito com alguns pressupostos da psicanálise e depois de um encontro com o próprio Freud, que considerou frustrante, Pearls começa a trabalhar e a desenvolver uma nova forma de ver o homem. Pearls não concordava nem com a idéia de que o homem tivesse que ser estudado “em partes”, conforme a psicanálise, dividindo em ego, superego e id e inconsciente e consciente e nem com o que foi considerado como superficialidade do behaviorismo que se limitava ao comportamento, sem buscar mais adiante. Muitas das idéias da Gestalt Terapia vêm justamente da oposição a estes pontos.

De acordo com Fadiman & Frager (1986), os principais conceitos desta abordagem são a visão do organismo como um todo, ou seja, embora se possa avaliar e observar uma parte, não se pode jamais separar esta parte do todo, pois a parte só funciona de uma ou outra forma quando no todo. Ao se tirar uma parte do todo, perderiam-se então algumas de suas qualidades, que fora do contexto do todo não teriam significado; a ênfase no aqui e agora, que é a importância da percepção que o indivíduo tem no presente de si e do meio em que vive. E, assim como nas duas abordagens descritas, a Gestalt Terapia também possui em seu corpo teórico a explicação de uma força que motiva o indivíduo a buscar um aperfeiçoamento, a buscar sempre o que é melhor para si e para sua evolução. Aqui nesta abordagem esta força é chamada de auto-regulação. Este processo, assim como também nas teorias de Maslow e Rogers, se dá pelo autoconhecimento, através de um processo que a Gestalt Terapia chama de auto-apoio.

Além desta intenção de sempre ir adiante buscando o melhor para si, as três abordagens, assim como outras que também seguem este viés, deram ao homem um poder maior sobre sua vida e suas escolhas ao retirar a força motriz da motivação que provém do meio ambiente e de acontecimentos pretéritos e, em oposição às outras duas forças, dão ao homem a intencionalidade e vêem o indivíduo como seres em busca de suas potencialidades.

PSICOLOGIA TRANSPESSOAL: O HOMEM BIO – PSICO – SOCIAL - CÓSMICO

Em meados da década de 1960, depois da aceitação das idéias da psicologia humanista, principalmente de Maslow e Rogers, alguns estudiosos começaram a querer ir além do que já estava estabelecido. Começaram a questionar até onde poderia chegar o potencial da consciência humana. Um dos pontos de partida, que tanto intrigava os psicólogos, foi a psiquiatria, que dava sinais de que existiria uma variedade

de estados de consciência surpreendentes. Na época, e de um modo geral até hoje, as teorias da personalidade se concentravam no estado de consciência chamado normal, ou seja, o estado de vigília, em que o indivíduo tem noção de si próprio e do ambiente que o cerca e sabe diferenciar o seu ser de todo o resto a sua volta. Qualquer coisa que saia disso corre o risco de se enquadrar nos parâmetros da psicopatologia. Ou seja, qualquer sintoma ou sinal que uma pessoa apresente fora destes padrões descritos poderá, e, dependendo do contexto, será considerado sumariamente anormal (Guimarães, 1998).

Destes questionamentos e da busca pelo o que está além do indivíduo, e por aquilo que é comum a todos, surge então, nos Estados Unidos, a quarta força da psicologia: a Psicologia Transpessoal.

E foi o mesmo Maslow, que tanto fez pela psicologia humanista, que deu início a essa nova forma de ver a psicologia. Em 1968, declarou que considerava a psicologia humanista como uma transição para uma psicologia mais forte, transpessoal, transumana, focando o cosmo como um todo e não mais o indivíduo isoladamente; algo que vai muito além da condição humana, da identidade e da auto-realização. Vários psicólogos se juntaram a Maslow nesta forma de pensar e reconheceram a importância da dimensão espiritual da mente humana. Isto ocorreu oficialmente com a publicação do artigo *Transpersonal Psychology* de Antony Sutich, nesse mesmo ano.

Muito embora não seja um dado oficial, muitos autores consideram Jung o primeiro psicólogo transpessoal, e tantos outros ainda o mencionam como a maior influência para o surgimento desta vertente da psicologia. Isto acontece porque nos primórdios da psicologia como ciência acadêmica reconhecida, Jung teve a coragem de romper com os modelos padrões impostos à época e tratar abertamente de assuntos ligados à espiritualidade e a paranormalidade. “Jung foi, provavelmente, um marco profundo na história da psicologia. Com ele, a psicologia passou a perceber estados mais amplos de consciência, que estavam além do já conhecido, discutido e pesquisado” (Teles, 1989, p. 100). De acordo com o artigo “Carl Rogers and

Transpersonal Psychology” de J. K. Wood (1997), o termo transpessoal foi criado por Jung quando escrevia sobre o inconsciente coletivo, querendo se referir a algo *além do pessoal*².

Com o conceito de inconsciente coletivo, Jung já desenvolvia a noção de algo que dizia respeito e influenciava todos os seres humanos ao mesmo tempo, ainda que cada um de uma forma própria a sua personalidade. Assim, este enfoque transpessoal, como sugere o nome, transcende o indivíduo como ser isolado e o vê como parte de um todo, incluindo conceitos da antropologia, da medicina, da sociologia, da física, da química, da biologia, da astronomia e da metafísica, entre outras. Tem uma visão do homem como um ser bio – psico – social – cósmico. Vai adiante dos limites da pessoa, muito além do comportamento humano, estudando as suas possibilidades psíquicas.

Na explicação de Guimarães (2005) a abordagem transpessoal estuda as possibilidades psíquicas, sejam mentais, emocionais, intuitivas e somato-sensoriais, do ser humano através dos diferentes estados ou graus de consciência pelos quais passa uma pessoa.

O autor ainda exemplifica, para uma melhor compreensão, que estados de consciência são estados que variam de acordo com a atividade e o empenho mental. Assim, o estado de quando se dorme é diferente de quando se está acordado, estes são diferentes de quando se está vendo televisão ou mesmo de quando se está resolvendo um problema matemático. Segue o autor explicando que existem muitos estados de consciência que ainda não são conhecidos, mas que cada um, conhecido ou não, é experimentada uma forma diferente de percepção e interpretação da realidade. Estes estados entendidos como complementares, e não contrários.

Ainda de acordo com o citado autor, a psicologia transpessoal dá ênfase àqueles estados de consciência chamados de superiores, espirituais ou transpessoais, em que o sentimento de separação e egoísmo dá lugar a sentimentos e identificação mais

² “The Swiss psychiatrist Carl Jung, while writing on the collective unconscious, is said to have coined the term translated “transpersonal”. This word continues to mean something like, “beyond the personal”.”

amplos, cooperativos, fraternais e transpessoais para com todos os seres vivos. São exemplos disso a consciência crística, a búdica, nirvânica, universal e ecológica. O autor afirma que alguns grandes mestres da humanidade, em varias áreas experimentaram picos da chamada “consciência cósmica” de tal forma que mudaram não só suas próprias vidas, mas também a de outros. Entre estes estariam mestres religiosos como Cristo, Buda e Francisco de Assis; científicos, como Einstein, Tesla e Heisenberg; políticos, como Gandhi e Martin Luther King e artísticos, como Bach e Leonardo Da Vinci.

Quando os autores mencionam estado alterado de consciência e transpessoal estão também falando da dimensão espiritual do homem. Por isso tantos nomes consagrados na psicologia desenvolveram pesquisas e estudos que buscam comprovações científicas e seus adeptos fazem questão de esclarecer que, embora a psicologia transpessoal investigue fenômenos considerados místicos, não é nem parapsicologia e nem religião, mas a procura de respostas e comprovações para aquilo que diz respeito à mente e ao comportamento humano e que está além do alcance dos cinco sentidos.

MEDIUNIDADE

Sempre houve na história da humanidade uma crença, quase uma necessidade de se explicar certas questões intrigantes para a maioria dos seres humanos. Questões que buscavam responder acerca da nossa origem, nosso destino; se havia ordem e lógica em nossa existência; o porquê de certos fatos, fossem bons ou maus, ocorrerem na vida de uns e não de outros, sempre instigaram o homem a ir atrás de respostas, que estavam de acordo com o pensamento de cada época. Três vertentes, já discutidas anteriormente neste trabalho, sempre concorreram com respostas para satisfazer esta vontade de saber da humanidade. A filosofia, a ciência e a religião buscaram, desde os mais pretéritos tempos, e cada uma com suas metodologias, chegar a uma conclusão definitiva. Isso nunca ocorreu, e até os dias de hoje novas teorias e hipóteses são levantadas, mas postas em dúvida e às vezes até derrubadas a cada passo evolutivo.

Se investigarmos a existência do homem remontando à sua origem, sempre encontraremos traços dessa busca por uma razão, uma explicação para acontecimentos.

Esta busca sempre acabava deparando com a existência de seres constituídos de uma matéria diferente da nossa que faz com que não os vejamos quando queremos, mas ao contrário, quando estes querem que os vejamos. Viveriam em algum local que não a Terra, não dividiriam as mesmas moradas que os humanos que estavam encarnados (termo utilizado para se referir aos seres humanos que possuem corpo físico, que pertencem a este plano físico ou a esta dimensão) mas perto o suficiente para estarem aqui quando desejassem. No decorrer da história da humanidade, várias foram as histórias para dar sentido a suas questões. Fosse deuses, semi-deuses, anjos, emissários, espíritos, entidades, guias ou simplesmente seres de outras dimensões, esta idéia sempre fez parte do imaginário, das religiões e das vivências de todos os povos através dos tempos.

A MEDIUNIDADE NA HISTÓRIA DE ALGUNS POVOS

Os egípcios sempre tiveram uma forte ligação com o chamado mundo dos mortos. Além de toda uma relação com deuses e seus emissários, havia uma grande preocupação com a vida após morte. Embora alguns estudiosos questionem, até hoje, sua real função, as pirâmides são exemplos da preparação para a chegada no local, em que se acreditava iriam as pessoas depois de mortas. Uma série de rituais para a preparação do corpo e do espírito, para a passagem para o outro mundo, eram realizados. O culto aos mortos era um dos momentos litúrgicos mais importantes para este povo. Eles acreditavam que tanto os deuses, quanto os espíritos dos ancestrais, poderiam ser contatados através de estátuas. A estátua mais famosa era a de Amon, consultada pelos próprios faraós antes de tomarem importantes decisões. Um de seus mais poderosos deuses, Anúbis, era o guardião dos portais do mundo dos mortos e guia destes no além.

Para os antigos gregos; que também se comunicavam com deuses através de oráculos, sonhos e mensagens; o mundo dos mortos e de seres, que viveriam em um mundo diferente do nosso, sempre esteve presente. Assim como os egípcios, este povo também tinha um deus que governava o mundo dos mortos, Hades.

Os próprios hebreus e os cristãos, ao escreverem as páginas do livro sagrado mais famoso e influente de todos os tempos - a bíblia, descrevem vários incidentes em que não seria possível uma explicação baseada em evidências científicas mais tradicionais como o empirismo e o positivismo. Encontros com anjos, aparições de pessoas, mortos ressuscitados, levitações, adivinhações, precognições e luzes que parecem surgir do nada demonstram que a bíblia é um verdadeiro catálogo de fenômenos paranormais.

Mas, apesar da conotação religiosa e mística, além de algo fantástico que sempre cercou o assunto, algumas pessoas cogitaram a possibilidade da continuidade da existência do ser humano após a chamada morte física. Assim chegaríamos a mais

uma possibilidade de resposta para certos fenômenos: a existência de seres humanos não materiais, que ainda não passaram pela existência aqui no planeta Terra ou que já passaram e já morreram. Estes seres foram chamados por vários nomes nas mais variadas épocas da História, mas hoje são mais conhecidos como *espíritos*.

Em muitas culturas antigas, acreditava-se que o espírito, ou alma, do homem é eterno e continua sua jornada em uma outra dimensão.

A BUSCA PELA VERDADE

Muitos foram os cientistas que, imbuídos de curiosidade e em alguns casos da vontade de desmascarar os chamados charlatões, depararam com evidências de que a espiritualidade é um fato. São destacados a seguir alguns destes cientistas.

Carl Gustav Jung, que desenvolveu sua tese de mestrado denominada “Sobre os fenômenos assim chamados ocultos”, enfocando “as mesas giratórias”.

Gabriel Delanne, engenheiro francês, que escreveu, com embasamento científico “O fenômeno espírita” (1893) e “A alma é imortal” (1889) entre vários outros.

Camille Flammarion, fundador da Sociedade Astronômica da França que escreveu vários livros sobre filosofia e ciência, entre eles “As Novas Forças Desconhecidas” (1907) e “O Desconhecido e os Problemas Psíquicos” (1911).

Para alguns autores, a história do espiritismo teve início em 1848, na cidade de Hydesville, no Estado de Nova York, nos Estados Unidos, quando pela primeira vez se pesquisou “oficialmente” um caso considerado paranormal. Três irmãs, Kate, Lia e Margareth Fox teriam feito contato com o espírito de Charles B. Rosma através de pancadas ouvidas nas paredes de casa. À época esta prova de existência de vida após

a morte foi aceita como verdadeira. Este caso teve grande repercussão na imprensa, principalmente porque as irmãs se dispuseram a fazer testes em várias comissões de análise, e todas atestaram a veracidade dos eventos. A partir disso começou-se a buscar outros fenômenos parecidos, e esta busca acabou chegando na Europa.

O fenômeno mais popular naquela época, sem dúvida, eram as chamadas mesas girantes, que ocorria quando um grupo de pessoas se sentava em volta de uma mesa com as mãos sobre a mesma e repentinamente o móvel começava a se movimentar, independentemente da vontade dos participantes. Este fenômeno chegou a ser pesquisado nos Estados Unidos, Canadá, Alemanha, Itália, Inglaterra e principalmente na França.

Em 1855, em Paris, o professor Hyppollite Leon Denizard Rivail foi chamado a assistir a uma destas reuniões das mesas girantes. Intrigado com o que viu, o professor se lançou na busca pela resposta sobre o que estaria originando aqueles eventos. Cerca de dois anos após aquela primeira reunião, ele chegou a conclusão de que a mesa giratória era um instrumento de comunicação entre um espírito, uma pessoa já morta, e pessoas ainda vivas. Em 18 de abril de 1857, este professor lançou um livro chamado “O livro dos espíritos”, sob o pseudônimo de Allan Kardec, pelo qual ficou conhecido até os dias de hoje. Este livro é considerado, até os nossos tempos, o livro base do espiritismo, ou, da doutrina espírita, como chamou o próprio Kardec. Em seguida vieram os livros “O livro dos médiuns” em 1861, “O evangelho segundo o espiritismo” em 1864, “O céu e o inferno” em 1865 e “A gênese” em 1868. Estes cinco livros são a essência de tudo aquilo em que se acredita sobre espiritismo até hoje, e seu autor é também, até o presente momento, reverenciado como a mais importante figura deste movimento.

De acordo com Kardec (2001, pp. 181) “todas as pessoas que sentem, em um grau qualquer, a influência dos espíritos, por isso mesmo é médium”. Ou seja, qualquer pessoa que tenha desenvolvido alguma habilidade de comunicação com os espíritos é

médium. Existem várias formas de comunicação entre os já mortos com os vivos. Estas formas são chamadas de efeitos mediúnicos.

Os efeitos mediúnicos são normalmente divididos em dois tipos: os de efeitos físicos e os de efeitos inteligentes. Os de efeitos físicos acontecem quando são dirigidos a coisas materiais inanimadas. Já os de efeitos inteligentes, que são os que interessam mais a psicologia, são aqueles que têm efeito sobre o médium e são percebidos pelo cérebro através dos sentidos.

Os eventos chamados de mediúnicos se dividem em vários tipos, e embora as mais variadas classificações sejam utilizadas, “a mais conhecida sistematização dos tipos mediúnicos é, ainda, a construída por Kardec” (Zimmermann, 2002, p. 282). De acordo com as definições desta sistematização, explicadas pelo autor acima citado, existem duas categorias de mediunidade: a categoria de efeitos físicos, aquela em que, através do médium, há interferência de entidades chamadas de espíritos (princípio inteligente, imaterial, dotado de personalidade, criado por um ser superior e que está sujeito à leis evolutivas) em matéria inanimada, como por exemplo a movimentação de objetos, batidas, sons e ruídos; e a categoria dos efeitos intelectuais, onde os espíritos, através dos médiuns (pessoas encarnadas) se comunicam por meios inteligentes e intencionais como palavras, idéias e sinais. As mais conhecidas formas da segunda categoria são a psicografia, em que espíritos de pessoas já mortas se utilizariam do corpo material de médiuns para escrever desde curtas mensagens até livros inteiros; a psicofonia, que ocorre quando um espírito fala através do médium e este fenômeno é popularmente chamado de incorporação, nome dado pelo fato de o médium aparentemente deixar por algum tempo sua própria personalidade de lado para que a da pessoa morta tome conta e a vidência, que é a capacidade do médium de enxergar espíritos. Esta forma também é a mais confundida com patologias.

Embora a maioria dos médiuns tenha uma ou outra habilidade mais desenvolvida, ele pode ter várias outras em diferentes níveis de intensidade. Como afirmou Kardec: “Concebe-se que deve ser bastante raro que a faculdade de um

médium seja rigorosamente circunscrita a um só gênero; o mesmo médium pode, sem dúvida, ter várias aptidões, mas há sempre uma que domina e é a que deve se interessar em cultivar, se for útil.” (Kardec, 2001, p. 220).

Outro ponto de grande relevância é que a mediunidade pode ainda ser considerada como positiva ou negativa. É considerada positiva quando é utilizada para o bem comum e é considerada negativa quando é usada por forças negativas, para o mal ou de forma egoísta, para vantagens do próprio médium.

De uma certa forma esta explicação também serve para a compreensão destes eventos pela psicologia, pois a mediunidade positiva tem utilidade; possui papel funcional na vida do indivíduo; está inserida de forma saudável, ou seja, é uma faceta de uma pessoa considerada mentalmente saudável. Já a negativa, poderia facilmente ser associada a psicopatologias. Tem como consequência a dificuldade de adaptação social e uma vida considerada fora do normal, sem contar que a mediunidade, desta forma, pode ser também motivo de sofrimento.

PSICOPATOLOGIA

Desde os mais remotos tempos na história do homem, houve a necessidade de explicar tudo aquilo que podemos ver, mas que não possui uma razão óbvia e aparente. Os gregos, romanos e egípcios, entre outros, criaram todo um sistema de divindades para justificar fenômenos da natureza. Cientistas sempre criaram teorias para explicar acontecimentos, desde os mais fantásticos, como os da origem do universo, até os mais corriqueiros, aqueles com os quais nos deparamos no cotidiano.

Uma questão que sempre chamou muito a atenção e provocou a curiosidade de cientistas e estudiosos de várias áreas foi a do comportamento humano.

A época e o local sempre tiveram influência naquilo que era considerado normal por uma sociedade. Os comportamentos dos indivíduos inseridos nestas sociedades sempre foram regulados por estes consensos, ainda que sempre houvesse quem se rebelasse contra o que estivesse estabelecido. No decorrer da história vários fatos que eram considerados anormais em um determinado local ou tempo, acabaram por ser aceitos num momento seguinte.

Dentre todos os comportamentos que poderiam ser levantados, ficaremos aqui com aqueles que se limitam ao interesse da psicologia.

Existe uma área nas ciências da saúde mental que trata justamente de comportamentos considerados anormais. Esta área, a psicopatologia, busca a explicação destes comportamentos em possíveis doenças e no mau funcionamento de estruturas psíquicas e até mesmo tenta traçar correlação entre a conduta não usual e eventos de ordem fisiológica.

HISTÓRICO

Se hoje a psicopatologia busca se embasar em pesquisas e dados comprovados, não foi sempre assim.

De acordo com Holmes (1997), a busca por respostas sobre o comportamento chamado anormal vem desde os tempos bíblicos. Segundo o autor, evidências em papiros, monumentos e antigos livros da bíblia indicam que hebreus, egípcios e árabes, entre outros, acreditavam que indivíduos que agiam de forma anormal o faziam por influência de forças sobrenaturais, como por exemplo demônios e espíritos do mal. Nesta época o tratamento para tal problema eram rituais, encantamentos e preces, embora em alguns casos se tenha o conhecimento de que se utilizava punição física, como apedrejamento.

Ainda de acordo com Holmes, Hipócrates, o chamado pai da medicina, desenvolveu uma teoria na qual o cérebro seria o órgão responsável pelo comportamento e, por conseqüência, pelos comportamentos anormais isolados ou por aqueles que eram muito freqüentes em um mesmo indivíduo, num conjunto chamado de transtorno mental. Esta foi a primeira versão de uma perspectiva fisiológica que explicasse tais eventos. O tratamento aqui era o uso e controle de certas substâncias, dietas e tratamento sobre o comportamento. Os indivíduos atingidos por transtornos eram considerados e tratados como doentes.

Na idade média, por causa da religião ter se tornado uma força muito poderosa, seus conceitos acabaram prevalecendo em todas as áreas do conhecimento, inclusive na saúde. As idéias de Hipócrates e seus seguidores é deixada de lado e a vida é vista como uma constante luta entre o bem e o mal. As forças do mal, comandadas pelo “demônio”, afligiam certos indivíduos que, segundo estas idéias, tinham por conseqüência o comportamento anormal. Como na antiguidade então, o sobrenatural era o responsável por transtornos mentais. A grande diferença era de que nesta época

os exorcismos eram realizados de forma brutal e violenta. Apedrejamentos e torturas das mais cruéis eram realizados pelos membros da igreja, que chegaram a queimar vivas pessoas que eram consideradas possuídas. Aqui os doentes mentais eram vistos como uma ameaça à sociedade e suas mortes uma forma de proteger os chamados “sãos”.

A primeira entidade especializada em cuidar de doentes mentais que se tem notícia foi o hospital *Saint Mary of Bethlehem*, em Londres, em 1547. Ainda assim, como todos os que surgiram à época, era mais uma prisão do que um hospital propriamente. Os internos eram meramente trancafiados, sem maiores cuidados, e até ingressos eram vendidos para que o público visse os doentes como uma atração.

Em 1792, em Paris, Philippe Pinel, com a idéia de tratar os doentes de seu hospital, o *La Bicêtre*, como pacientes, e não como aberrações, mandou que todos fossem desacorrentados e colocados em alojamentos mais humanos. Mais ou menos na mesma época, na Inglaterra, William Tuke e os Quakers criaram um local em propriedade rural onde indivíduos com transtornos mentais podiam usufruir dos poderes terapêuticos, assim considerados por este grupo, de repouso, ar fresco e exposição à natureza. Em 1783, Benjamin Rush, o pai da psiquiatria norte-americana, introduz tratamento humanitário no *Pennsylvania Hospital*.

A noção de que os transtornos mentais tinham causas psicológicas surge na Europa no século XIX. Nomes como o de Franz Anton Mesmer, surge nesta época como estudioso do comportamento anormal. Jean-Martin Charcot, trabalhando no mesmo hospital em que um século antes Pinel mandou que os pacientes fossem desacorrentados, buscava respostas para as causas de um transtorno chamado histeria, em que não havia nenhum indício de causa orgânica. Ainda assim, entre os sintomas podiam ser encontrados cegueira, paralisia, dor e convulsões. Charcot acreditava que havia uma ligação entre a histeria e a hipnose, pois pessoas atingidas por aquele transtorno eram facilmente hipnotizadas e sintomas, usualmente, eliminados e novos podiam também ser induzidos. De início Charcot acreditava que isso era

causado por fraqueza neurológica, ou seja física, mas depois que testes com pessoas normais apresentaram resultados iguais, ou seja, também podiam ser hipnotizadas e ter sintomas induzidos, passou a acreditar que na verdade eram efeito de sugestão, e portanto tinham causa psicológica. Charcot foi uma das maiores influências no trabalho de Freud.

Em torno do mesmo período em que Charcot fazia estes experimentos, o médico vienense Josef Breuer tratou uma mulher que apresentava uma série de sintomas de histeria. Breuer se utilizou da hipnose para tratar o problema, que ficou conhecido como o caso de Anna O. Freud se juntou a Breuer para resolver este caso e a partir daí começou a usar a hipnose para fazer suas investigações.

Muitos outros profissionais de várias outras áreas, inclusive da psicologia, como os psicanalistas, os behavioristas e os transpessoais, pesquisaram as causas de comportamentos considerados anormais, de transtornos mentais e de quadros considerados patológicos e muitas foram as colaborações.

CONCEITOS DAS ESTRUTURAS DE PERSONALIDADE

De acordo com os conceitos da psicanálise, que são os que mais interessam a este trabalho, por melhor esclarecerem certas questões, existem três estruturas de personalidade: a neurose, a perversão e a psicose.

NEUROSE

A neurose se apresenta como um conjunto de sintomas que, embora sejam desprazerosos e até mesmo dolorosos, podem ser considerados benignos por não

impedirem que o indivíduo viva em sociedade. Neste caso não há uma quebra da realidade e a pessoa atingida, mesmo que negue, tem consciência de seus sintomas, mas não consegue modificá-los. Para Freud, são causados por conflitos internos e na maioria das vezes inconscientes. Para Jung a neurose é um mau ajustamento decorrente do conflito entre o que o indivíduo potencialmente é e a vida que está tendo. Os sintomas seriam uma tentativa inconsciente de cura, como se o inconsciente chamasse a atenção da pessoa para o conflito.

São exemplos de neuroses: os *transtornos fóbico-ansiosos*, que se caracterizam quando há ocorrência de um medo anormal, desproporcional e persistente de um objeto ou situação em específico, como por exemplo a claustrofobia, que é o medo de lugares fechados; o *transtorno ansioso*, em que a ansiedade toma conta do indivíduo, podendo causar sintomas cardiovasculares, sudorese, opressão no peito e vômito entre muitos outros. Neste caso a ansiedade compromete o funcionamento do indivíduo, perturbando a atenção, a memória, a concentração e em casos mais graves, a percepção da realidade.

Os *transtornos histriônicos* ou *histéricos* são aqueles em que há ocorrência de teatralidade e grande sugestibilidade, necessidade de constante atenção e, muitas vezes quase de forma inconsciente, manipulação, através do emocional, das pessoas com quem convive. Algumas pessoas atingidas por este transtorno podem desmaiar, ficar paralisadas, sem fala, cegas, trêmulas. Existe uma grande variedade de subdivisões deste tipo de transtorno neurótico.

Para Davison & Neale (2003), os *transtornos obsessivos-compulsivos* têm como principal sintoma a incapacidade do indivíduo de controlar manias, que podem surgir na forma de comportamentos, rituais que são sempre repetidos e pensamentos intrusivos, desagradáveis e muitas vezes absurdos, chamados também de obsessões, por serem recorrentes e incontroláveis. É como se a mente do indivíduo fosse invadida por pensamentos persistentes e incontroláveis, que o fazem sentir-se obrigado a repetir incansavelmente certos atos. Por mais que o indivíduo tenha consciência destes atos,

não consegue deixar de praticá-los causando angústia, além dos próprios rituais que podem interferir em sua vida.

PERVERSÃO

A perversão é uma estrutura vasta e nela se incluem aqueles indivíduos que utilizam substâncias químicas com freqüência e aqueles que são chamados adictos. Entre estas substâncias se incluem o álcool, a cocaína, as anfetaminas e, com alguma controvérsia, o cigarro. Estão aqui também, nesta estrutura de personalidade os parafílicos, que são aqueles que possuem atração sexual por objetos incomuns ou atividades sexuais que não são comuns na natureza.

Como descrevem Davison & Neale (2003), nesta estrutura está também a psicopatia. Esta patologia se caracteriza pelo *encantamento* que o perverso gera nos outros, ou seja, costuma ser sedutor e através desse encanto natural aparece a *manipulação*, pois usa os outros a sua volta para conseguir o que deseja sem nenhum escrúpulo. Outras características são: *mentiras sistemáticas*, o perverso se utiliza destas como uma ferramenta imprescindível à sua sedução, para escapar de situações desagradáveis e qualquer outra situação em que ache necessário e o faz sem nenhum sentimento de culpa ou remorso, ou preocupação com a pessoa para quem está mentindo; *comportamento fantasioso*, por se considerar o centro merecedor das atenções, prefere agir, incluindo aí as mentiras, de forma a criar uma situação em que seja o melhor, o mais rico, o mais poderoso e assim por diante; *ausência de sentimentos afetuosos*, há um desapego dos sentimentos, não há manifestação de sensibilidade e se mostra indiferente aos sentimentos alheios, não demonstra nem importância por laços familiares e geralmente não consegue compreender os sentimentos alheios mas, por ter consciência das circunstâncias e como forma de manipulação, pode em vários momentos simular, se assim for de sua conveniência. São pessoas normalmente frias, do ponto de vista afetivo.

Muitos especialistas acreditam que esta característica poderia ser observada desde a infância; *amoralidade*, por não se importarem com os sentimentos dos outros, acabam não demonstrando nenhum valor, juízo, consciência moral e noção de ética. O perverso também age com *impulsividade*, pela ausência de valores morais e de sentimentos pelos outros, é impulsionado a cometer atos cruéis, brutais, podendo em casos mais extremos chegar a cometer crimes. Esta impulsividade pode ser constatada nas respostas apresentadas pelos pacientes, em que demonstram baixíssima tolerância a frustrações, agindo de forma exagerada diante de situações desimportantes. Por várias destas características, desde muito cedo, há problemas na adaptação social, uma vez que o indivíduo tende fortemente ao egocentrismo e ao egoísmo, além das demonstrações de insensibilidade, incompreensão e frieza.

PSICOSE

A terceira e última estrutura é também a mais importante para este trabalho. A psicose se caracteriza por alterações profundas das atividades mentais, como por exemplo a percepção, a memória, o pensamento e os sentimentos. Nesta estrutura encontraremos as ilusões, alucinações e delírios. Aqui, entre outros, se enquadram o transtorno bipolar (antiga psicose maníaco-depressiva), o transtorno delirante (antigamente chamado de paranóia) e a esquizofrenia com todos os seus tipos.

A esquizofrenia é o transtorno que mais interessa a este trabalho, por ter em seu quadro de sintomas o embasamento de alguns para a tentativa de desacreditar pessoas que se descrevem com determinadas características.

Para o CID-10, conforme descrito por Dalgalarrodo (2000) os sintomas são: alteração das funções mais básicas que dão a pessoa unicidade, senso de individualidade e de direção de si mesmo; eco, inserção, irradiação ou roubo do pensamento; delírios de influência, controle ou passividade; vozes que comentam a

ação; delírios persistentes culturalmente inapropriados; alucinações persistentes de qualquer modalidade, sem claro conteúdo afetivo não catatímicas; interceptações ou bloqueios do pensamento; comportamento catatônico, com flexibilidade cerácea, negativismo, mutismo, etc; sintomas negativos, empobrecimento afetivo, autonegligência, diminuição da fluência verbal; alteração significativa na qualidade global do comportamento pessoal, perda de interesse, retração social. Os sintomas devem estar presentes por pelo menos seis meses para que seja possível o diagnóstico.

Ainda de acordo com a descrição de Dalgarrondo, para o DSM-IV é necessária a presença de dois ou mais dos seguintes sintomas por um período de pelo menos um mês: delírios, alucinações, discurso desorganizado, comportamento amplamente desorganizado ou catatônico, sintomas negativos (embotamento afetivo, alogia, avolição) e disfunções sociais no trabalho e nos estudos, denotando perdas de habilidades interpessoais produtivas.

Estes são os nomes específicos que descrevem aqueles quadros em que pessoas relatam “ouvir vozes, pensar que são controladas por outras pessoas, sentir insetos caminhando por passagens nos seus corpos, acreditar que outros estão conspirando contra elas ou expressar-se usando linguagem sem sentido” (Holmes, 1997).

Em geral, é este transtorno que as pessoas comumente se referem quando chamam alguém de “louco”. Qualquer pessoa que tenha um comportamento diferente, desviante, que fale de coisas muito incomuns ou que deponha ter visões é rápida e indubitavelmente posta nesta classificação.

NORMAL X PATOLÓGICO

Usualmente, profissionais responsáveis só consideram anormal o que for incontestavelmente fora do padrão e que tire a funcionalidade do indivíduo. Sabemos que na realidade as coisas não acontecem de tal forma e muitas vezes pessoas, que apresentam um ou outro sintoma que pode estar ligado ao quadro sintomático de algum transtorno mental, são de fato rotuladas como tal. Portanto a responsabilidade e o senso de coerência devem ser extremos ao se diagnosticar alguém.

Naturalmente, em se falando de comportamentos anormais, desviantes, transtornos mentais, patologias que atingem os pensamentos e o comportamento, é fundamental que se discuta também quais são os parâmetros para se chegar a uma definição do que é normal e ao que não é.

O limite entre o normal e o patológico por vezes pode ser claro, mas na maioria das vezes é muito tênue. “Há muitos casos limítrofes nos quais a delimitação entre comportamentos e formas de sentir normais e patológicas é bastante difícil” (Dalgalarrondo, 2000).

O próprio Dalgalarrondo (2000) sugere nove formas de se fazer esta diferenciação. A primeira é a normalidade como ausência de doença, ou seja, se a pessoa não apresenta sintomas, então é sã.

A segunda é a normalidade ideal ou, utilizando o termo usado pelo próprio autor para melhor definir esta categoria, utopia, pois o ideal de normal aqui é constituído de valores socioculturais. O indivíduo normal é aquele que se adapta bem as regras impostas pela sociedade na qual esteja inserido.

A terceira é a normalidade estatística, ou seja, é normal aquilo que acontece com grande frequência e com um grande número de pessoas. Aquelas pessoas que

apresentam algum comportamento fora da média, estatisticamente falando, seriam anormais ou doentes.

A quarta forma é a normalidade como bem-estar, aquela que de acordo com a Organização Mundial de Saúde não seria apenas a ausência de doença, mas sim o total bem estar físico, mental e social do indivíduo.

A quinta forma, a normalidade funcional, baseia-se naquilo que é funcional, assim, o doente ou anormal é aquele que apresenta comportamento disfuncional provocando sofrimento para si e para as pessoas com quem tem convivência.

A sexta forma é a normalidade como processo que considera o desenvolvimento psicossocial, das desestruturações e reestruturações ao longo do tempo.

A sétima forma é a normalidade subjetiva que dá ao próprio indivíduo a opinião mais importante a respeito de sua sanidade. O risco desta forma, em se tratando de saúde mental, é que muitas vezes o indivíduo se acha são, mas tem algum tipo de transtorno, como por exemplo a mania. Ou em casos mais graves, como tem esquizofrenia e não possui a capacidade mental para reconhecer o que realmente está lhe afligindo.

A oitava forma que é a normalidade como liberdade está ligada a conceitos existencialistas e fenomenológicos, e se refere à liberdade de transitar pelo mundo, sendo capaz de fazer suas próprias escolhas.

A nona forma é a normalidade operacional e é talvez a mais arbitrária de todas, pois se predetermina o que é normal e o que é patológico e trabalha-se com estes conceitos, acatando suas conseqüências práticas.

De todas estas, a que parece de maior valia em certos casos polêmicos é sem dúvida a que confere se há funcionalidade no comportamento do indivíduo. Se ele é

capaz de levar uma vida que não ponha em risco a sua segurança ou a de pessoas a sua volta; se possui entrosamento social positivo, ainda que diferente para os padrões estabelecidos pela sociedade em que está inserido, e não apresenta uma carga de sofrimento e aflição, relatados pelo próprio indivíduo, além do que possa suportar, então deve-se realmente encarar este indivíduo como sendo normal. Mesmo ferindo valores que vão contra idéias arraigadas, suas escolhas devem ser respeitadas.

Há também que se tomar muito cuidado com os dois instrumentos utilizados para a classificação dos sintomas e o diagnóstico: o DSM-IV e o CID-10. De fato são manuais de grande importância para profissionais da saúde em todo o mundo, mas devem sempre ser utilizados de forma cautelosa. Considerando-se que cada indivíduo é único, não pode haver generalização na hora de se fazer um diagnóstico. Os sintomas e as circunstâncias em que se apresentam devem ser examinados detalhadamente. De grande importância é também, que os profissionais de saúde que se utilizem destes instrumentos sejam treinados. O uso por pessoas não capacitadas pode acarretar em erros que podem causar um mal ainda pior à pessoa a ser diagnosticada.

VISÕES DA MEDIUNIDADE

A mediunidade sempre fez parte da história da humanidade, seja com este ou qualquer outro nome que se refira ao contato de pessoas vivas com entidades de outras dimensões, inclusive as descritas como pessoas já mortas. São encontradas também descrições de contatos, sejam estes visuais, auditivos, intuitivos, através de sonhos, premonições, visões, etc. Os seres com os quais as mais variadas crenças mantêm contato são chamados de fantasmas, espíritos, deuses, elementais e aparições entre outros; todos denotando a existência, ou ao menos a crença na existência de entes de alguma forma diferentes em relação à sua constituição e local de habitação, uma vez que não dividem este mundo material com os vivos.

VISÃO DA RELIGIÃO

É virtualmente impossível falar de mediunidade, ainda nos dias de hoje, e não relacioná-la à religião. Várias são as religiões que possuem algum tipo de mediunidade em seus conceitos.

Evidentemente, a religião que mais se liga à mediunidade, até por tê-la como dogma, é o espiritismo. Mas dentro desta denominação temos várias outras religiões. A mais tradicional, a kardecista, vem dos princípios codificados por Allan Kardec em vários de seus livros como o “Livro dos espíritos”, o “livro dos médiuns” e o “evangelho segundo o espiritismo”, entre outros.

Outras incluem religiões originadas na África e disseminadas pelo mundo afora, à época dos escravos que as seguiam. O candomblé é conhecido pelos orixás e por suas festas famosas em todo o Brasil, como por exemplo a festa de Iemanjá, que ocorre no dia dois de fevereiro. É a religião africana, ou afro-brasileira, mais conhecida.

Outras religiões desta vertente são o batuque, o Xangô do Recife e o Xambá. Todas são muito semelhantes e se diferenciam basicamente pelo país africano de origem dos escravos que as cultuavam. Todos acreditam plenamente na vida após a morte e no contato de espíritos, através de todas as possibilidades mediúnicas como a visão, a audição e a incorporação. Nestas religiões o contato pode ser realizado tanto por espíritos de pessoas já mortas quanto por aqueles que estariam num nível mais superior, e sem necessidade de terem passado pela Terra. A umbanda, que alguns ligam aos espíritos que praticam o mal, mas que os praticantes negam ocorrer, é considerada quase uma adaptação brasileira ao candomblé por misturar em suas explicações, conceitos de religiões africanas, indígenas e cristãs.

Existem ainda outras religiões que não se enquadram nos parâmetros das afro-brasileiras, principalmente por não terem influência ou culto a divindades africanas, como por exemplo os orixás. As principais são as de origem indígena, como o Catimbó, Jurema (ou Culto à Jurema) e o Tambor de Minas. Por todo o Brasil, e em especial na região amazônica, ainda é freqüente também depararmos com a pajelança que, embora não seja uma religião propriamente dita, envolve conceitos que se enquadram naqueles considerados espíritas e mediúnicos, como a vidência e as incorporações. O xamanismo se aproxima muito do conceito de pajelança e também acredita no contato de espíritos com seres humanos vivos.

Há ainda algumas religiões e seitas que usando outros nomes também possuem eventos que podem claramente ser identificados. Neste caso estão por exemplo o Santo Daime e a União do Vegetal, que explicam os eventos ocorridos pela ingestão do chá feito de uma substância chamada ayahuasca como expansão da consciência. Este termo é muito usado por vários autores para definir estados transpessoais e mediúnicos.

E não há como negar que o Catolicismo, a religião com o maior número de fiéis do mundo, tem em suas entranhas conceitos que se assemelham muito aos dos espíritas e da mediunidade. Além de tantos eventos descritos na bíblia, os católicos

acreditam que os santos, que são pessoas já falecidas, são capazes de escutar e atender seus apelos. Isso sem contar os anjos, que seriam seres mais elevados, imateriais, mas que poderiam ser vistos, ouvidos e sentidos quando quisessem.

A religião evangélica é a que veementemente mais se opõe ao espiritismo e qualquer um de seus conceitos, fala em possessão, em pessoas tomadas pelo demônio. Para o espiritismo isso seria uma incorporação feita provavelmente por um espírito que quer fazer o mal e age contra a vontade da pessoa que o incorpora.

As religiões orientais como o hinduísmo, o budismo, o taoísmo e o xintoísmo possuem também conceitos, com outros nomes e até com outras finalidades, mas que podem ser verificados como comunicação entre vivos e mortos e reencarnação. Este último conceito é um dos principais pontos do budismo, que também prega a meditação, a contemplação e que é descrito pela psicóloga Célia Moraes (1995) como sendo também uma forma de se atingir estados transpessoais ou estados alterados de consciência.

Tudo o que foi descrito nos parágrafos anteriores se refere à religião e assim sendo está profundamente ligado à fé, a crenças em coisas pela simples convicção de que algo é verdade. Estudos científicos do mundo da religião são comumente de grande interesse, mas sempre esbarram no fato de que a pessoa que acredita, acredita pura e simplesmente, sem ter necessariamente tido algum tipo de prova de aquilo em que crê ser fato. O que se deve questionar em alguns casos, e o que se espera com este trabalho, é como separar conceitos que são caros às religiões, sempre com muito respeito, daqueles que podem e devem ser estudados por outras formas de conhecimento. Muitas são as explicações e as razões dadas para tais fenômenos, que se encontram abertamente nas bases das religiões espíritas, e como conceitos mais acobertados em outras religiões por outras formas de conhecimento.

Para o professor do programa de pós-graduação de Ciências da Religião da PUC/SP, Frank Usarski (2002), a maioria dos cientistas fazem pesquisas que se limitam

ao uso dos cinco sentidos, não trabalhando com conceitos metafísicos e mesmo que não neguem a existência de outras dimensões do ser, sua posição metodológica se posiciona contra aquilo que não pode ser verificado. Para eles é irrelevante o transcendente.

VISÃO DO SENSO COMUM

Para o chamado conhecimento do senso comum, as explicações correntes não são necessariamente embasadas e validadas por conceitos que as torne críveis e a mediunidade é ligada ao inexplicável, místico e misterioso e a algo que deve ser temido. Ocorre que pouquíssimas vezes acontece do conhecimento transmitido pelo senso comum ser validado antes de transmitido.

Eventos que ocorreram na história da humanidade podem estar ligados também a conceitos de bruxaria, magia negra e, para aqueles mais céticos, a doenças e ainda a pessoas que mentem deslavadamente para chamar a atenção. Como em várias outros pontos de estudo e conhecimento, aquilo que as pessoas não conhecem muito bem acaba sendo relegado ao mundo do fantástico, do inacreditável e neste caso também aos limites da religião, ainda que muitas vezes de forma zombeteira. Muitos usam de escárnio para com a mediunidade e desta forma relegam ela e as religiões, que de alguma forma possuem algo ao menos semelhante em seu escopo teórico e filosófico, aos domínios do charlatanismo e da má fé.

Poderíamos dizer que o senso comum não serve para embasar conceitos, ainda que em alguns momentos pudéssemos nos aproveitar de certas credices, justamente pelo que o senso comum caracteriza. São idéias correntes que não sofreram tentativas de explicações concretas e convincentes.

VISÃO DA FILOSOFIA E DA CIÊNCIA

EMPIRISMO

As vertentes científicas e filosóficas com maior influência e credibilidade no meio acadêmico tendem a ir contra a idéia da mediunidade. O empirismo se posiciona contra porque um dos seus preceitos básicos, aquele em que afirma que o conhecimento deve necessariamente ser adquirido através de um dos cinco sentidos, limita o estudo do ser humano a apenas estes sentidos. Embora os cinco sentidos sejam utilizados na descrição de eventos mediúnicos, o fato de que, na maioria dos casos, apenas uma pessoa vê, ouve ou de alguma outra forma sente a presença de espíritos, faz com que estes dados não sejam considerados de grande relevância. Questiona-se inclusive a veracidade de depoimentos mediúnicos.

POSITIVISMO

No caso do positivismo, em relação à não validação da mediunidade, há a questão das comprovações determinadas como ponto essencial por esta vertente. Além de exigir a obtenção do conhecimento através dos cinco sentidos, assim como o empirismo, também exige o desenvolvimento lógico do conhecimento adquirido. Ao estabelecer que é indispensável se ater aos fatos concretos, elimina a possibilidade de existência de uma forma de ciência que trate de algo que, além disso, atinge o que alguns descrevem como metafísica. Pelas formas mais tradicionais de se fazer ciência, como o positivismo, não é mesmo possível que se chegue aos limites da mediunidade por ela estar além dos cinco sentidos. Além disso para se entender a mediunidade e a espiritualidade, é necessária uma lógica que está fora daquela utilizada e exigida pelo positivismo.

FENOMENOLOGIA

Já a fenomenologia traz toda uma nova dimensão à questão. Na sua interseção com a psicologia, ela é de grande importância por tentar enxergar os eventos como eles realmente são e, sejam eles de cunho religioso ou não, o que significam para aquele indivíduo que os vivencia. Para a psicologia, sob influência da fenomenologia, portanto “só se deve aceitar o que se dá nos limites em que se dá, ou seja, examinar os fatos, as questões, do modo como se apresentam, sem preconceitos” (Holanda, 2004, p. 49). Ou seja, para as vertentes da psicologia que aceitam os ideais fenomenológicos, o importante é o significado que aqueles eventos possuem para o cliente e jamais, em relação a mediunidade, se é algo ligado a uma religião, seita ou patologia.

VISÃO DA PSICOLOGIA

Cada abordagem psicológica se baseia em pontos teóricos muito diferentes, que portanto se posicionam de forma amplamente diferente em relação a cada questão de que tratam. Isso não difere quando o assunto é mediunidade.

As duas primeiras forças da psicologia não aceitavam a mediunidade como algo real. O behaviorismo desqualifica a mediunidade como objeto a ser estudado e para a psicanálise pode ser um instrumento para a patologização do indivíduo.

A PRIMEIRA FORÇA: O BEHAVIORISMO

O behaviorismo é sem dúvida a mais materialista das abordagens. Alguns de seus conceitos de base se colocam diretamente contra idéias que possam explicar a

mediunidade. O positivismo não aceita qualquer tentativa de se buscar respostas que se encontram além do que é observável e da elaboração de leis empíricas. Esta abordagem também se utiliza muito do pragmatismo, corrente filosófica “cuja tese fundamental é que a verdade de uma doutrina consiste no fato de que ela seja útil e propicie alguma espécie de êxito ou satisfação” (Ferreira, 1999, p. 1621). Então, para os behavioristas não há utilidade em se pesquisar algo que não se pode utilizar, pois para aqueles seguidores desta visão “o pensamento é um resultado e um produto essencialmente derivado da atividade das células do cérebro e do sistema nervoso corporal” (Pessoa, 2003, p. 23). Desta forma, entende-se porque os behavioristas negam a subjetividade e a existência de estados mentais, até porque como a mente não é algo que pode ser observado de forma concreta é sumariamente negada. Ainda de acordo com o autor acima citado, para alguns behavioristas o pensamento é apenas uma fala subvocal e para outros ainda, um sistema de sinais. O fato é que, para esta abordagem, nada ou quase nada foi explicado sobre intenções, propósitos e criatividade. A única concessão feita por aqueles menos extremistas, numa facção surgida com Skinner, foi não negar, mas também não aceitar discutir sobre eventos internos. Skinner não os negava, mas como não poderiam ser observados não eram de interesse da psicologia. E por mais que a explicação de Skinner não fosse contrária a existência de mente, subjetividade e estados internos, e nem mesmo do espírito, estes eram totalmente desimportantes, afinal não explicavam o comportamento, que só poderia ser entendido pela interação do indivíduo com os ambientes físicos e sociais.

A SEGUNDA FORÇA: A PSICANÁLISE

Para a segunda força da psicologia, num primeiro momento a mediunidade pode ser diagnosticada como esquizofrenia. Freud até chegou perto de assuntos que podem ser considerados místicos para alguns, ou com forte explicação espiritualista para outros. Mas Freud inseriu idéias religiosas em sua teoria de tal forma que as fez parecer um mecanismo do psiquismo humano. “Ele considerava a religião, de uma forma geral,

como resultado da transformação das necessidades infantis pela proteção do pai e da mãe, nas idéias de um Deus todo poderoso e justo e de uma Natureza bondosa” (Moraes, 1995, p. 12). Mas não há como negar que Freud teve um papel de indiscutível importância na aceitação da mediunidade pela psicologia. Foi ele quem introduziu a noção de inconsciente. Freud nunca estudou a fundo a mediunidade, mas foi sem dúvida quem abriu caminho para que a psicologia voltasse a ser o que era em sua origem: o estudo da alma. Em 1922 chegou a escrever o texto “Uma neurose demoníaca do século XVII” em que fala seu ponto de vista a respeito do assunto:

Diversos autores, e dentre eles Charcot é o principal, identificaram, como sabemos, manifestações de histeria nos retratos de possessão e êxtase (...). Os estados de possessão correspondem às nossas neuroses, para cuja explicação mais uma vez recorreremos aos poderes psíquicos. Aos nossos olhos, os demônios são desejos maus e repreensíveis, derivados de impulsos instintuais que foram repudiados e reprimidos. Nós simplesmente eliminamos a projeção dessas entidades mentais para o mundo externo, projeção esta que a Idade Média fazia; em vez disso, encaramo-las como tendo surgido na vida interna do paciente, onde têm sua morada.(introdução)

A VISÃO DE JUNG

Já para Carl Gustav Jung, que muitos consideram o principal responsável pela introdução de idéias espíritas na psicologia como não sendo patologias, a mediunidade era algo aceitável como real. Jung estudou vários fenômenos e, embora não tivesse descartado totalmente a possibilidade de psicopatologias, admitia a possibilidade da mediunidade ser uma manifestação do inconsciente e de que eram de fato autênticos os contatos com espíritos de pessoas já falecidas. Jung demonstra isso de forma clara nesta declaração, como aparece em artigo de 2004 de Almeida & Neto, feita após uma conversa com o professor J. H. Hyslop, cético que buscava derrubar qualquer possibilidade de existência do espírito:

Ele (Hyslop) admitiu que, considerando todos os fatores, a totalidade desses fenômenos metafísicos seria mais bem explicada pela hipótese dos espíritos do que pelas qualidades e peculiaridades do inconsciente. Com base em minhas próprias experiências, preciso dar-lhe razão neste aspecto. Em cada caso particular, preciso ser cético, mas, no geral, devo conceder que a hipótese dos espíritos traz melhores resultados na prática do que outra qualquer. (p. 137)

Jung deixou clara a sua posição nesta e em outras ocasiões, como por exemplo em sua carta para o psicólogo americano Joseph Banks Rhine na qual afirmava que a parapsicologia era um ramo da psicologia³. Mas sempre foi contra o fantástico, contra transformar eventos mediúnicos em atração sensacionalista. Para Guimarães (2004) o senso crítico de Jung sempre o fez um forte opositor de movimentos místicos. Vários de seus livros, textos e principalmente eventos que ocorreram em sua vida fizeram de Jung o nome da psicologia mais citado por todos aqueles que buscam embasar suas teorias conectando a psicologia e a espiritualidade a um grande nome reconhecido e respeitado. Inclusive, para aqueles que acham que o trabalho de Jung está mais para a religião do que para a psicologia, em seu livro *Psicologia e Religião* (2004) afirmava que a origem de crenças religiosas está na experiência do sagrado e nas conseqüentes transformações da consciência que estas causavam. Ou seja, para ele, as religiões criaram dogmas em torno destas experiências que pertencem à mente e aos seus estados de consciência, e não vice-versa. Jung ainda falou sobre uma função mental chamada de auto-regulação, que pode ser comparada ao conceito de livre arbítrio explicado pelos espíritos. O psicólogo Adalberto Pessoa em seu livro *“A quinta força”* (2003) dá grande parte do crédito dos avanços da psicologia, no que se refere à vertente transpessoal e espírita, a Jung:

Jung foi um psicólogo adiante de seu tempo; em muitas de suas revolucionárias concepções antecipou em décadas diversas tendências assumidas hoje pelo Movimento Transpessoal, sendo um desafio querer traçar ainda que um resumo de suas contribuições ao

³ “Cartas 1906 – 1945, Vol. 1” de Jung, Carl G. Editora Vozes, 2001. Coleção Obras Completas de Carl Gustav Jung.

estudo das dimensões transcendentais da consciência – ou do inconsciente, como ele preferia dizer. (p. 61)

A TERCEIRA FORÇA: A PSICOLOGIA HUMANISTA

Para a terceira força, a psicologia humanista, os conceitos de auto-atualização, ou seja a tendência de atualizar seus potenciais, de buscar sempre o melhor, sempre evoluir e “tornar-se a totalidade mais complexa, organizada e autônoma de que for capaz” (Pessoa, 2003, p. 57) nos levam muito perto de valores espíritas. Ainda de acordo com este autor as duas visões são próximas tanto pelas vias dos fins morais e éticos construtivos, como também para a questão do livre arbítrio e da lei progresso, que para os kardecistas é exatamente como a noção de tendência auto-atualizadora.

Em oposição às duas outras forças já discutidas, o behaviorismo que vê a psicologia como uma ciência do comportamento e a psicanálise que é a ciência que estuda o inconsciente, a psicologia humanista é a ciência que estuda a subjetividade humana. Um dos objetivos desta vertente é permitir o desenvolvimento de potenciais humanos que possibilitem colocar melhor o indivíduo perante certas perguntas referentes a sua vida e sua existência. Ainda de acordo com o último autor citado, estas perguntas seriam basicamente três, “quem sou eu?”, “de onde eu vim” e “para que direção estou me encaminhando?”. Temos duas certezas, uma que a busca por estas respostas faz com que se reconheça a possibilidade de que alguns limites já conhecidos da condição humana sejam ultrapassados, indo de encontro a algo que vai além da experiência pessoal convencional, ou seja, transcendental, ou espiritual; conceito este que, embora reconhecido aqui, é estudado de maneira mais aprofundada na psicologia transpessoal. A outra certeza, trazida pela busca de respostas para as três perguntas anteriormente citadas, é que “a doutrina espírita é em essência uma doutrina humanista e existencialista” (Pessoa, 2003, p. 58). Como podemos perceber por esta afirmação, os escopos que dão embasamento teórico e filosófico a estas duas formas de ver o mundo são muito semelhantes. Vale reforçar ainda que a própria

psicologia transpessoal teve em sua fundação a participação de nomes que estavam fortemente ligados à psicologia humanista.

A QUARTA FORÇA: A PSICOLOGIA TRANSPESSOAL

Sendo assim, a quarta força ou psicologia transpessoal já nasce com a intenção de estudar o ser humano em sua totalidade, ou seja, corpo, mente e espírito. Conforme o psicólogo Adalberto Pessoa (2003) explica: esta abordagem estuda temas como os estados alterados de consciência, experiência culminante, ampliação e transcendência dos estados ordinários da consciência e experiência mística, entre outras.

Esta é a abordagem que reconhece a existência de um princípio que pode ser definido como espírito ou alma. Continuando o pensamento do autor acima citado, as tradições espíritas são amplamente aceitas por tudo aquilo que ele chama de “movimento transpessoal” e em especial pela psicologia transpessoal. Tal fato se daria em grande parte pelo trabalho desenvolvido por Jung, de acordo com Pessoa (2003), as pesquisas de Jung sobre Alquimia e as religiões orientais e ocidentais revolucionou a concepção cientificista com que as tradições eram vistas.

A psicologia transpessoal é como o espiritismo, abrange e de certa forma unifica várias correntes de pensamento. Alguns autores afirmam inclusive que a psicologia transpessoal age exatamente como a filosofia espírita que tende a juntar várias outras idéias e conceitos de outras áreas, ao invés de ser contra. Para Nagelshmidt (1996) se retirassem as diferenças relacionadas ao conteúdo específico, os modelos de psique humana propostas nas grandes religiões, se encontrariam grandes semelhanças quanto à forma como encaram o desenvolvimento do psiquismo. O autor conclui ainda, que justamente por esta semelhança ser evidente, os psicólogos jamais deveriam deixá-las de lado e sim prestar grande atenção.

Já o americano John Davis, Ph. D. em psicologia, especialista em psicologia transpessoal, em seu artigo "*Reasons for the rejection of transpersonal psychology*" (1999), nos dá alguns motivos do porquê esta vertente ser tão negada pelo meio acadêmico mais tradicionalista e conservador. Ele apontou cinco principais razões: 1 - experiências espirituais não podem ser observadas ou mensuradas como um comportamento aberto, 2 – estas experiências não podem ser provocadas ou manipuladas em paradigmas de pesquisas experimentais, 3 - tais experiências não são usuais, por assim dizer, não fazem parte das experiências cotidianas da maioria das pessoas na maior parte do tempo, 4 – experiências espirituais não se enquadram de maneira enfática na psicologia moderna ocidental que busca o racional, individual, linear, instrumental, 5 – estas experiências são difíceis de ser descritas em nossa linguagem, incluindo tanto o jargão da psicologia quanto a própria linguagem⁴.

TERAPIA DE VIDAS PASSADAS

Existe ainda uma outra abordagem psicológica que tem embasamento muito semelhante ao da Psicologia Transpessoal, mas vai ainda mais adiante. A Terapia de Vidas Passadas, ou TVP como é freqüentemente chamada, vai além das outras ao afirmar não só a existência do espírito, mas também a de reencarnações. Para esta abordagem conceitos espíritas, sem o viés religioso, são prontamente aceitos, não sendo compatível portanto a dúvida com os seus preceitos teóricos. Há uma forte crença em reencarnação, na continuidade da vida e na possibilidade de comunicação com os espíritos. "A vida nunca termina, e ao fazer regressão você percebe que pode perder sua cabeça na guilhotina, mutilar o corpo destruí-lo no fogo, mas não pode destruir o ser espiritual, a personalidade que vive nesse corpo, a sua força vital, a energia" (Krelling & Krelling, 1999, p. 02).

⁴ Do original = "1 - Spiritual experiences are not observable or measurable as overt behavior, 2 - they are not easily triggered or manipulated in experimental research paradigms, 3 - they are not normal; that is to say, they are not part of the common experience of most people most of the time, 4 - they do not fit with the emphasis of modern psychology on the rational, individual, linear, instrumental, and western, 5 – they are difficult to describe in our language, including both the jargon of psychology and the English language itself."

Para os psicólogos desta vertente, muitos dos problemas apresentados pelas pessoas tiveram sua origem em vidas passadas. Seguindo, mais uma vez, as idéias de Jung, as experiências vividas em outras vidas ficariam guardadas para sempre no inconsciente. O processo terapêutico seria então a busca das origens dos problemas através de memórias de fatos acontecidos. “Estas memórias podem ser de origem recente (todas as memórias da vida atual a partir do nascimento) ou remota (memórias da vida intra-uterina, vidas passadas e intervidas)” (Oliveira, 2001). Podemos concluir então que diferentemente do que a grande maioria das pessoas acredita, a TVP não se concentra apenas em vidas anteriores, mas também nesta existência. “Costumo me referir à TVP no singular – TERAPIA DE VIDA PASSADA – e não de *vidas passadas*, por entender que o tratamento engloba não somente vidas passadas, como também a vida presente e o período pré-natal, e o inconsciente deve estar livre para eleger o momento que quiser – por esta razão também não induzo a regressão de idade “ (Lucca & Possato, 2002).

O objetivo é portanto entender o que do passado ainda está influenciando a vida presente, provocando dificuldades, sofrimentos e angústias. Com as sessões de regressão tenta-se entrar em contato, lembrando o que aconteceu em momentos pretéritos para que estes deixem de gerar sentimentos negativos. Segundo Oliveira (2001), num primeiro momento do processo terapêutico acontecem a recordação e a revivência e num segundo momento a ajuda para que a mente se reorganize. De tal forma, busca-se encontrar e entender a fonte do sofrimento no passado, para que se tente resolvê-la no presente para que o futuro seja livre de problemas.

VISÃO DA PSICOPATOLOGIA

Como já visto anteriormente, a psicopatologia busca as razões do diferente, do considerado anormal e que foge dos padrões aceitos, tentando enquadrar em doenças

mentais. A psicopatologia é, dentro da psicologia, um grande entrave para a aceitação da mediunidade. É nela que se baseiam aqueles que tentam esvaziar de qualquer possibilidade de veracidade os efeitos mediúnicos, bem como qualquer outro incidente ligado à espiritualidade que não possua nenhuma outra possibilidade de explicação, como por exemplo, intoxicação por substâncias, como o álcool ou drogas alucinógenas.

De acordo com o CID-10 e o DSM-IV, a descrição da mediunidade poderia até se enquadrar nos critérios da esquizofrenia. As visões e as vozes poderiam ser confundidas com alucinações, delírios e ilusões patológicas.

Se pegarmos o relato de um médium e o confrontarmos com a visão da psicopatologia, seguramente o sujeito seria indefectivelmente qualificado como doente.

De acordo com a psicóloga Célia Moraes (1995) não há um consenso por parte de autores em psicopatologia entre o saudável e o patológico e ao se aproximarem de assuntos como mediunidade acabam se referindo a religião. Como explicado pela autora acima mencionado, para Karl Jaspers, um dos grandes nomes da psicopatologia, há explicações a partir do ponto de vista existencial fenomenológico, onde o indivíduo transcende qualquer coisa que se possa tentar conhecer a seu respeito através de pesquisas empíricas. Esta idéia abre espaço para que se leve em consideração fenômenos mal ou ainda não estudados, como a expansão de consciência e a mediunidade. Este autor enfatiza ainda em sua obra a importância de se relativizar, ou seja, contextualizar o que poderia ser considerado anormal ou doente.

CIÊNCIA ESPÍRITA

Existe ainda uma outra forma de ver e explicar o mundo e o homem, seus antecedentes e conseqüências, utilizada atualmente por cientistas de várias áreas. A ciência espírita é um assunto extremamente polêmico, mesmo nos dias de hoje em que

supostamente deveria haver uma compreensão de que todas as respostas que já possuímos são apenas o início de um longo caminho a ser percorrido até que se chegue, e se é que algum dia se chegará de fato, à respostas absolutas. Mas seu aprofundado estudo é também fundamental para a compreensão do homem no todo e igualmente importante para a compreensão de temas aqui postos neste trabalho.

Indo na contramão das formas que buscavam mais o concreto e que limitavam-se aos cinco sentidos chamados empíricos, visão, audição, tato, olfato e paladar, esta ciência começou a surgir, de maneira organizada, na França, em 1859, quando Allan Kardec, considerado seu fundador, lançou o livro “O que é espiritismo”. Durante muito tempo, devido ao que era aceito e negado pelas regras impostas pelas comunidades científicas e acadêmicas, esta ciência ficou limitada ao domínio da religião, em especial ao espiritismo, ainda que desde seus primórdios vários pensadores, cientistas e estudiosos tentassem lhe dar validade e credibilidade. Sempre sob as mais rigorosas críticas e dúvidas, esta ciência até hoje luta para ser reconhecida com tal. Mas em tempos recentes, o conceito de ciência foi questionado de forma mais incisiva, como afirma Chibeni (1991) em seu artigo “Ciência Espírita”:

A imagem de ciência a que os filósofos da ciência chegaram a partir das conquistas recentes indica que uma ciência autêntica consiste, simplificada, de um núcleo teórico principal, formado por hipóteses fundamentais. Esse núcleo é circundado por hipóteses auxiliares, que o complementam e efetuam sua conexão com os dados empíricos. Essa estrutura mais ou menos hierarquizada faz-se acompanhar de determinadas regras, nem sempre explícitas, que norteiam o seu desenvolvimento futuro. De um lado, há as regras "negativas", que estipulam que nesse desenvolvimento os princípios básicos do núcleo teórico devem, o quanto possível, ser mantidos inalterados. Eventuais discrepâncias entre as previsões da teoria e as observações experimentais devem ser resolvidas por ajustes nas partes menos centrais da malha teórica, constituídas pelas hipóteses auxiliares; regras "positivas" sugerem ao cientista como, quando e onde essas correções e complementações devem ser efetuadas.

Ao contrário do que se supõe na visão comum de ciência, não há restrições sobre a natureza das leis de uma teoria científica, que podem inclusive ser de caráter predominantemente metafísico. A restrição fundamental é que a estrutura teórica como um todo

forneça previsões empíricas corretas, ou seja, dê conta dos fatos. O exame das teorias científicas maduras e dos padrões avaliativos adotados pelos cientistas indica ainda que algumas características devem necessariamente estar presentes em qualquer boa teoria científica. Inicialmente, ela deve ser consistente. Deve ser abrangente, explicando um grande número de fatos. Deve, por fim, apresentar as virtudes estéticas de unidade e simplicidade, ou seja, a explicação que fornecem dos diversos fenômenos deve decorrer de maneira natural e simples de um corpo de leis teóricas integrado e tão reduzido quanto possível. Há ainda o vínculo externo de que uma teoria não deve conflitar com as demais teorias científicas bem estabelecidas que tratam de domínios de fenômenos complementares (por exemplo, uma teoria biológica não deve pressupor leis químicas e físicas que contrariem as leis bem assentadas da Química e da Física).
(p. 46, 47)

Enquanto os mais céticos não aceitam a existência de fatos que não podem ser empiricamente comprovados e outros tantos baseiam-se exclusivamente em dogmas e fé religiosos para sustentar suas teorias, muitos buscam respostas de como estas duas visões do mundo estão ligadas e não são portanto excludentes.

De acordo com o artigo “Ciência e Espiritismo” de Sergio Biagi Gregório (2005), estas duas visões de mundo devem andar juntas, pois a ciência sem a espiritualidade não seria capaz de explicar certos fenômenos da mesma forma que só a espiritualidade sem a ciência não conseguiria embasamento para se sustentar como verdade sem misticismos ou fé cega. Mas de acordo com o autor, os desenrolares da História da humanidade fez com que religião e ciência acabassem por se repelir. Ao separar o homem em matéria e espírito e legando cada um destes vieses a uma fatia diferente do estudo do conhecimento ao invés da totalidade do ser humano e dando a cada uma diferentes formas de serem estudadas, acabou-se por inviabilizar por muito tempo a união destas duas visões como sendo partes de um todo que pode, e deve, ser estudado com tal.

Mas para a compreensão do mundo em que vivemos em sua total plenitude é fundamental que homens ligados às religiões permitam sem ofensas o aprofundado estudo de questões relevantes à existência humana na Terra e principalmente, que os

homens de ciências deixem de lado preconceitos e partam em busca de novas verdades e conceitos, ainda que isto signifique uma reestruturação de idéias secularmente aceitas e arraigadas.

Ainda de acordo com o autor acima mencionado, as formas de se fazer ciência em ambas as situações são muito similares, pois tanto no caso das ciências chamadas naturais quanto na ciência espírita formulam-se hipóteses que servem de ponto de partida para se chegar a conclusões ou conseqüências. Se confirmadas, então são aceitas como verdades, caso contrário são descartadas. A diferença viria então da forma como estas hipóteses são percebidas. Nas ciências naturais utilizam-se as percepções enquanto no caso da ciência espírita as hipóteses são baseadas na mediunidade.

Para o psicólogo junguiano Adenauer Novaes, por mais que tenha havido esta separação e que as formas e os locais destas duas visões sejam completamente diversas, cada vez mais estão se encontrando, em várias áreas da ciência, e em especial a psicologia. Em seu artigo “Filosofia e Espiritualidade” (2004) afirma:

Psicologia e espiritismo são conhecimentos distintos, tanto quanto têm pressupostos e paradigmas distanciados por contextos diferentes. A psicologia, por muito tempo seguiu a escola alemã e a inglesa, fundamentadas no empirismo clássico, responsáveis por duas grandes correntes surgidas no século XX: a psicanálise e o behaviorismo. O espiritismo, por outro lado, seguiu a escola racionalista francesa, da observação e da experimentação. Ambos, espiritismo e psicologia são segmentos do saber humano e tratam de questões psicológicas; o primeiro tem sido considerado como pertencente ao conhecimento religioso e o segundo, ao conhecimento científico. O primeiro é explorado nos Centros Espíritas, o segundo, nas Universidades. As fronteiras entre esses dois campos foram muito bem definidas, com ênfase radical na segregação por parte das academias, sem que se observasse o mesmo por parte dos órgãos de divulgação do espiritismo. Muito embora essa segregação proposital continue a ocorrer, cada vez mais eles estão se tocando a partir de eventos fronteiros de difícil apreensão exclusiva por qualquer um dos campos. (p. 27)

CONCLUSÃO

O estudo aprofundado da mediunidade, que é definida como “uma faculdade natural, uma aptidão especial que permite sentir e transmitir a influência dos Espíritos, ensejando o intercâmbio, a comunicação entre o mundo físico e o espiritual” (Henriques, 2001, p. 41) e da espiritualidade como um todo pela psicologia deve ocorrer de maneira constante e de forma séria pois esta é uma faceta do ser humano que deve ser sempre levada em consideração. Não podemos jamais impor limites ao homem quando se quer chegar à uma compreensão do todo. Devemos sempre nos lembrar dos esforços feitos por alguns, como Jung, que buscaram sempre ir além ao invés de se contentarem com o que já parecia pronto. Se contentar em não ir adiante, em não buscar respostas mais longe do que já se foi é abrir mão de conhecer o homem em sua totalidade, de saber as respostas para perguntas que nos remetam as nossas origens e ao nosso destino.

A psicologia como um todo não chegou até hoje a um consenso. Cada abordagem, cada vertente, cada força apresenta seus conceitos, aceitando e negando, se posicionando em cada parte do que diz respeito ao humano. Em relação a mediunidade, a psicologia se divide, pois algumas abordagens não a aceitam, negando a existência da mente, do espírito ou excluindo tal estudo e o relegando a outras ciências. Algumas abordagens vêem a mediunidade como doença e, mesmo que eventualmente não estejam completamente erradas, mais uma vez não podemos nos aquietar e aceitar conceitos tão antigos que impediriam a psicologia de avançar juntamente com o homem. Afinal não podemos descartar a possibilidade da patologia ser uma explicação totalmente à parte da mediunidade e nem a probabilidade de que a própria mediunidade possa causar transtornos e disfunções. Muito ainda se deve estudar para saber se são duas visões complementares ou excludentes.

Mas outras abordagens aceitam a mediunidade como uma realidade. Podem até se utilizar de termos diferentes e conceitos que pareçam se opor, mas com um olhar

mais cuidadoso podemos verificar que se referem a fenômenos mediúnicos. E desta forma já temos uma interseção ligando a mediunidade à psicologia. O ver e escutar espíritos, a reencarnação, a possibilidade de lembrar de vidas passadas e a compreensão de que o homem é muito mais do que somente um corpo material são idéias aceitas e já freqüentemente encontradas nos estudos da psicologia. Quanto mais recente a abordagem, mais aberta ela está para o conceito de que o homem não é como um robô que meramente responde a estímulos, mas é de fato um ser bio – psico – social - cósmico. Pode-se perceber este avanço claramente ao se verificar a evolução dos pensamentos filosóficos, científicos e daqueles que embasam a psicologia. Cronologicamente falando, fica claro que a espiritualidade avança na mesma proporção em que o conhecimento humano caminha para frente.

Desta forma, deve-se abandonar posições retrógradas, reduzidas e extremamente limitadas como as defendidas pelo behaviorismo, que se prende tão somente ao comportamento e à interação do indivíduo com o meio ambiente. Por mais que se deva reconhecer a importância desta abordagem para a psicologia, e ter em mente que muitos de seus conceitos podem ser comprovados, não se pode ficar estacionado, perdendo a possibilidade de adquirir um saber muito mais aprofundado.

Também não se deve se limitar a visão da psicanálise mais tradicional, que explica a mediunidade como patologia. Mesmo que isto implique em afirmar a existência da mente e do potencial humano de interferir em seu próprio destino. A visão patológica é muito limitante e, deve dar espaço a outras possibilidades.

A partir da visão da psicologia humanista é que a mediunidade começa a ser vista como uma possibilidade. Mas de um modo geral os autores desta vertente, ainda que não neguem a probabilidade da existência da espiritualidade e não a excluam totalmente da psicologia, não chegam a explorá-la como mais um lado do ser humano que não pode ser deixado de lado se quiser que se tenha uma visão completa de uma pessoa.

Mas é na psicologia transpessoal que finalmente a mediunidade e a psicologia se encontram e se complementam. A partir das idéias pioneiras de Jung, dos esforços de Maslow e de outros humanistas e transpessoais, esta vertente surgiu e conquista cada dia mais credibilidade entre profissionais da área e leigos. Esta abordagem é a mais abrangente e complexa por entender que a espiritualidade, enquanto parte do ser humano e não como credo, só é completa se estiver inserida na totalidade do indivíduo, que por sua vez é estudado pela psicologia. Já a psicologia não pode excluir nenhuma faceta do ser humano, seja ela da natureza que for.

Alguns autores como Adalberto Pessoa e Adenauer Novaes, só para citar alguns, já falam numa nova abordagem psicológica chamada de quinta força. Esta abordagem se baseia completamente em conceitos espiritualistas para se fundamentar. Nela, a mediunidade, mais do que uma possibilidade é uma realidade indispensável para o trabalho da psicologia, principalmente na área da psicologia da saúde, que inclui a psicologia clínica e a psicologia hospitalar entre outras. Os profissionais que se utilizam desta vertente partem do princípio inquestionável de que somos seres imortais, enquanto espíritos, e que mediunidade, reencarnação e regressão de vidas passadas são idéias que devem ser encaradas como eventos cotidianos, sem misticismos, e que podem ser utilizadas no tratamento psicológico de qualquer tipo de problemas, desde os mais simples até as patologias mais complexas.

Para estas duas últimas forças, a psicologia transpessoal e a psicologia espírita, a mediunidade nada mais é do que uma característica do ser humano, como a inteligência, os cinco sentidos e a capacidade de adaptação. Frequentemente é explicada como uma forma de expansão da consciência, que é definida por Ribeiro & Paschoali (1994) como uma modificação qualitativa da consciência causada por fenômenos mentais subjetivos além da consciência normal em vigília e às limitações do ego em perceber a realidade somente através dos cinco sentidos empíricos. Em outras palavras, implica numa expansão de consciência e numa ampliação de seu campo de percepção.

Um ponto de grande importância que deve ser amplamente estudado é a psicopatologia. Na atualidade ainda não se pode abrir mão da possibilidade de ajuda que ela dá àqueles que estão com algum tipo de problema. Mas deve-se ter cada vez mais cuidado em relação ao diagnóstico. Muito se deve ponderar, examinar e avaliar, para se ter certeza de que a pessoa não pode ser ajudada de alguma forma sem ter que ser rotulada para o resto de sua vida. Como já visto, a mediunidade, se enquadrada nas descrições do DSM-IV e do CID-10, é diagnosticada como esquizofrenia. Sem dúvida este é um rótulo que deve ser evitado sempre, uma vez que a pessoa o carregará até o final de sua vida e por consequência enfrentará muito preconceito, que indiscutivelmente existe. E é sempre muito importante, quando falamos de psicopatologia, ver em que circunstâncias estes possíveis sintomas surgem. Afinal, se uma pessoa descreve comportamentos mediúnicos, que podem ser encaixados em sintomas de esquizofrenia, é indispensável que antes se verifique que tipo de vida este indivíduo leva. Mesmo com toda a tentativa que há por parte de alguns de patologizar o que é ligado ao espiritual, temos que lembrar que a psicopatologia busca num primeiro momento estabelecer regras de normalidade. Seguramente, em um ou outro momento da vida, todos os seres humanos apresentam algum tipo de comportamento ou pensamentos que poderiam ser facilmente vistos como patológicos.

Saber o significado, utilizando, por exemplo, a fenomenologia, de tais eventos no contexto geral da vida do indivíduo é indispensável. E a tendência, desde os tempos de Charcot até a atualidade, é ver qualquer modificação da consciência, ou do comportamento, como sendo um estado patológico. Mas hoje em dia essa atitude de generalizar da psicopatologia é contestada pela chamada anti-psiquiatria e pela psicologia transpessoal. Hoje se admite as variáveis individuais, e também, se aceita como normal a possibilidade da existência de estados alterados de consciência, estados não percebidos nos níveis comuns, sendo considerados, todos eles, estados normais e alternativos do comportamento humano.

Alguns autores não chegam a explicar a esquizofrenia como tendo causa na mediunidade ou em alguma disfunção espiritual, mas em problemas fisiológicos. Até

que a teoria de que a mediunidade tem maior influência nas patologias, não podemos descartar certas explicações, como esta, dada por Cardoso (2005), médico pediatra e mestre em Ciências da Religião:

Entre os médiuns e os esquizofrênicos fica em comum a presença de uma cisão da personalidade, diferente no entanto pela percepção clara que se tem dos gestores do processo. Na esquizofrenia teremos duas personagens distintas, porém com um gestor único comandando o “teatro” mental montado. Na mediunidade de incorporação haverá também duas personagens, mas com dois gestores bem distintos no comando do processo de comunicação. Trocando em miúdos, o esquizofrênico não consegue acrescentar à sua personalidade os conhecimentos de um “Napoleão” que ele diz ser. No médium de incorporação, a personalidade toma toda a bagagem do espírito incorporado e os seus conhecimentos são manifestados através do médium, mesmo que este desconheça totalmente aquele cabedal de sabedoria. (p. 02)

Como visto no decorrer deste trabalho, a mediunidade é uma realidade e deve ser aceita e trabalhada como tal. Admitir esta possibilidade no âmbito da psicologia significa ver o homem de uma maneira mais inteira e portanto mais completa. Naturalmente que muito ainda tem que ser pesquisado e fundamentado, mas as evidências já existentes não podem ser negadas.

Segundo o psicólogo Adenauer Novaes (2002) quanto mais se estudar o psiquismo humano mais próximos estamos da espiritualidade e mais perto chegamos do mundo espiritual. Quando um psicoterapeuta ignora esta possibilidade está deixando de compreender um cliente por completo e pondo de lado a totalidade do ser humano. O autor faz inclusive a afirmação de que psicologia sem a visão do espiritual é mais uma “comportamentologia”.

De acordo com todas as informações levantadas nas referências bibliográficas, pode-se até não chegar a uma verdade final e definitiva, até porque como esclarecido

anteriormente, o conhecimento humano nunca é definitivo. Mas sem dúvida alguma chega-se a conclusão de que a mediunidade é uma realidade que deve ser levada mais a sério e que deve ser estudada de forma muito mais aprofundada. Homens da ciência devem se despojar de preconceitos e idéias arcaicas e buscar a possibilidade do novo. Ao revisarmos a história das ciências verificamos que o caminho que as unifica a uma espiritualidade livre do radicalismo da religião e da cegueira da fé é a tendência natural percorrida pelo homem desde sempre em busca de respostas para a sua existência.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Alexandre M. de & NETO, Francisco L. *A Mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental*. São Paulo, Revista de Psiquiatria Clínica, vol. 31, 2004.
- BELLO, Ângela A. *Fenomenologia e ciências humanas*. Bauru, Editora da Universidade Sagrado Coração, 2004.
- BYINGTON, Carlos A. B. *Transcendência e totalidade*. Coleção Memória da Psicanálise, volume 2, Jung – A Psicologia Analítica e o Resgate do Sagrado, 2005.
- CAMPOS, Vera F. de A., *Mudança e psicoterapia gestáltica*. Rio de Janeiro Zahar Editores, 1978.
- CARDOSO, Leonardo M. *Paranormalidade ou mediunidade?* Disponível em <<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/mediunidade/paranormalidade-ou-mediunidade.html>> Acessado em 26/05/2005.
- CHIBENI, Sílvio S. *A Excelência metodológica do espiritismo*. Reformador, novembro de 1988, p. 328-333 e dezembro de 1988, p. 373-378.
- CHIBENI, Sílvio S. *Ciência espírita*. Revista Internacional do Espiritismo, Março de 1991, p. 45 – 52.
- COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva*. São Paulo, Editora Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.
- DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre, Editora Artes Médicas Ltda, 2000.

DAVISON, Gerald & NEALE, John M. *Psicologia do comportamento especial*. 8ª edição. Rio de Janeiro, LTC Editora, 2003.

DAVIS, John. *Reasons for the rejection of transpersonal psychology*. In Introduction to Transpersonal Psychology. 02/1999 Disponível em <<http://www.naropa.edu/faculty/johndavis/tp/tpintro9.html>> Acessado em 23/05/2005

FADIMAN, James & FRAGER, Robert. *Teorias da personalidade*. São Paulo, Editora Harbra, 1986.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

FONTES, Carlos. *Quais são as principais características do senso comum?* Disponível em <<http://afilosofia.no.sapo.pt/SComum.htm#texto>> Acessado em 29/05/2005.

FREIRE, Izabel R. *Raízes da psicologia*. 7ª Edição. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

FREUD, Sigmund. *Uma neurose demoníaca do século XVII*. 1922. In: Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Editora Imago, Rio de Janeiro.

GREGÓRIO, Sérgio B. "Ciência e espiritismo" Disponível em <www.ceismael.com.br/artigo/artigo037.htm>. Acessado em 07/04/2005.

GUIMARÃES, Carlos A. F. "A psicologia transpessoal". *Jornal Infinito*. Disponível em <<http://www.jornalinfinito.com.br/materias.asp?cod=115>> . Acessado em 08/04/2005

GUIMARÃES, Carlos A. F. "A Psicologia transpessoal". João Pessoa, 08/12/1996. Disponível em <<http://geocities.yahoo.com.br/carlos.guimaraes/psicotrans.html>>. Acessado em 21/05/2005.

GUIMARÃES, Carlos A. F. "Carl Rogers e a Abordagem Centrada na Pessoa". 07/05/1998. Disponível em <<http://www.geocities.com/Vienna/2809/Rogers.html>>. Acessado em 09/04/2005

GUIMARÃES, Carlos A. F. *Carl Gustav Jung e os fenômenos psíquicos*. São Paulo, Editora Madras, 2004.

HENRIQUES, Agnes. *Mediunidade em crianças*. São Paulo, Editora Martin Claret, 2001.

HOLANDA, Adriano. *Fenomenologia da religião em G. Van der Leeuw*. In Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia. Campinas, Editora Átomo, 2004.

HOLMES, *Psicologia dos transtornos mentais*. 2ª edição. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1997.

JUNG, Carl G. *Psicologia e religião*. 6ª edição. Petrópolis, Editora Vozes, 2004

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. 57ª edição. Araras, Instituto de Difusão Espírita, 2001

KRELLING, Ariane & KRELLING, Helga. *Egos de vidas passadas: o domínio de emoções através da terapia de regressão de memória*. São Paulo, Editora C Rocka Ltda., 1999.

KHUN, Thomas S. *A estrutura da revolução científica*. 7ª edição. São Paulo, Editora Perspectiva, 2003.

- LUCCA, Elaine de & POSSATO, Alexandre. *Regressão: a evolução da terapia de vida passada*. São Paulo, Nova Luz Editora, 2002.
- LUNGARZO, Carlos. *O que é ciência*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1997.
- MARX, Melvin H. & HILLIX, William A. *Sistemas e teorias em psicologia*. São Paulo, Editora Cultrix, 1974.
- MORAES, Célia C. *O Êxtase – Uma abordagem do ponto de vista da psicologia clínica e das religiões*. Monografia. Brasília, UNB, 1995.
- NAGELSHMIDT, Ana M. *Argonautas dos espaços interiores – Uma Introdução à Psicologia Transpessoal*. São Paulo, Editora Vetor, 1996.
- NOVAES, Adenauer. *Filosofia e espiritualidade*. Salvador, 05/2004. Disponível em <http://64.233.161.104/search?q=cache:QfTIHWI003kJ:www.larharmonia.org.br/pdf/txt_filosofia_e_espiritualidade.pdf+Psicologia+e+espiritismo+s%C3%A3o+conhecimentos+distintos,+tanto+quanto+t%C3%A3m+pressupostos+e+paradigmas+distanciados+por+contextos+diferentes&hl=pt-BR> Acessado em 28/05/2005.
- NOVAES, Adenauer. *Psicologia e mediunidade*. Salvador, Fundação Lar Harmonia, 2002.
- OLIVEIRA, Cristina G. M. de. *Racionalismo e empirismo na filosofia moderna*. Disponível em <<http://www.filosofiavirtual.pro.br/racionalismo.htm>>. Acessado em 02/04/2005.
- OLIVEIRA, Regis S. M. *O que é terapia de vidas passadas*. Atualizado em 10.02.2001. Disponível em <<http://t-v-p.vilabol.uol.com.br/perguntas.html>>. Acessado em 24/05/2005.

- PESSOA, Adalberto. *A quinta força – Uma nova visão da alma*. São Paulo, DPL Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 2003.
- PLATÃO. *Fédon*. São Paulo, Editora Rideel, 2005.
- RIBEIRO, P. R. M. & PASCHOALI, M. C. *Psicologia transpessoal: um estudo sobre a nova abordagem da consciência em psicologia e saúde mental*. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 1994, Vol. 43.
- RIBEIRO Jr, José. *Introdução à fenomenologia*. Campinas, Edicamp Editora e Distribuidora de Campinas, 2003.
- RIBEIRO Jr. José. *O que é positivismo*. 2ª edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1996.
- SCHULTZ, Duane P. & SCHULTZ Sydney E. *História da psicologia moderna*. São Paulo, Editora Cultrix, 1992.
- SOLOMON, Robert. *Racionalidade e espírito*. In *Revista Galileu*, Janeiro de 2004, Edição nº 150.
- TELES, Maria L. S. *Aprender psicologia*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1989.
- USARSKI, Frank. *Interação entre ciência e religião*. In *Revista Espaço Acadêmico*, Outubro de 2002, Ano II, nº 17.
- WEITON, Wayne. *Introdução à psicologia – Temas e variações*. São Paulo, Editora Pioneira Thomson, 2002.

WOOD, John K. *Carl Rogers and transpersonal psychology*. Jaguariúna, 15/09/1997.
Disponível em <<http://www.allanturner.co.uk/papers/transpersonal.html>>. Acessado em 11/03/2005.

ZIMMERMANN, Zalmino. *Perispírito*. 2ª edição. Campinas, Centro Espírita Allan Kardec, 2002.